

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

CAROLINA CARVALHO TRINDADE

**TERRORISMO NO TELEJORNAL:**

Os sentidos construídos pelo Jornal Nacional sobre o ato de terrorismo e o terrorista nas  
matérias sobre os atentados de Paris em novembro de 2015

Porto Alegre

2016

CAROLINA CARVALHO TRINDADE

**TERRORISMO NO TELEJORNAL:**

Os sentidos apresentados pelo Jornal Nacional sobre o ato de terrorismo e o terrorista nas matérias sobre os atentados de Paris em novembro de 2015

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo.

**Orientador:** Prof. Dr. Sean Hagen

Porto Alegre

2016

CAROLINA CARVALHO TRINDADE

**TERRORISMO NO TELEJORNAL:**

Os sentidos construídos pelo Jornal Nacional sobre o ato de terrorismo e o terrorista nas matérias sobre os atentados de Paris em novembro de 2015

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharela em Jornalismo.

Conceito Final: A

Aprovado em: 08/12/2016

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Sean Hagen – UFRGS

Orientador

---

Profa. Dra. Ana Taís Martins Portanova Barros – UFRGS

Examinadora

---

Profa. Dra. Marcia Benetti Machado – UFRGS

Examinadora

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Cássio e Elizabeth, professores, que me acompanham desde sempre nesta jornada acadêmica. Por me (e se) amarem incondicionalmente, serem compreensíveis, terem algo para ensinar todos os dias; mas também, por me darem a oportunidade de ensiná-los – e se deixarem aprender comigo.

À minha irmã Gabriela, quem melhor me entende, compartilha visões de mundo e ansiedade sobre o futuro. Pelos dias me puxando para ser mais produtiva, mas principalmente, por me mostrar que nunca é muito cedo ou muito tarde para seguirmos nossos sonhos.

À minha colega e amiga de graduação Nathália Cardoso, que me acompanhou desde o início da faculdade e me mostrou que o que a faculdade realmente ensina é empatia, compaixão, feminismo e um pouco de política, enquanto a maior parte do Jornalismo aprendemos na rua.

Ao meu orientador, professor Sean Hagen, que abraçou este trabalho junto comigo, me guiando através das nossas semelhanças e diferenças teóricas e minhas dificuldades de tempo, mesmo com os desafios trazidos pelas mudanças no ensino de Jornalismo.

Aos projetos de extensão UFRGSMUN e UFRGSMUNDI e todas as pessoas que conheci a partir destes, por me proporcionarem uma nova perspectiva do que o jornalismo e a Universidade podem ser. Aqui, em especial, à Bruna Contieri e à Michelle Baptista, responsáveis por grandes transformações na minha vida acadêmica.

Ao grupo de pesquisa *Imaginalis* e seus integrantes, em especial a professora Ana Taís, por me inserirem no mundo da pesquisa acadêmica e me acompanharem durante a iniciação científica.

Às alunas da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação e da Faculdade de Ciência Econômicas que me ensinaram que lugar de mulher é na Universidade, no jornalismo, na pesquisa e na extensão.

À minha família estendida, meus avós, tios e primos, que arcaram com a falta de visitas e o mau humor eventual, e à todos aqueles que de alguma forma ajudaram na produção deste trabalho de conclusão.

“All I am is a witness. My role is to bring a voice to people who are voiceless. A colleague of mine described it as to shine a light in the darkest corners of the world.”

(Janine di Giovanni)

## RESUMO

O presente trabalho busca investigar os sentidos construídos pelo Jornal Nacional, da Rede Globo, sobre terrorismo e terrorista nas matérias sobre o ataque a Paris em 2015. O corpus é composto de 57 matérias recolhidas entre 13 de novembro, momento do atentado, e 21 de novembro, totalizando nove dias. A pesquisa utiliza conceitos da Teoria Construcionista (Traquina), de Tuchman, Wolton e Fechine para discutir jornalismo e se ampara nas Teorias do Imaginário de vertente arquetipológica (Durand, Bachelard e Jung) para discutir como se pensa o terrorismo de forma mais ampla. Sobre terrorismo, se ampara em Daniel Dayan para fundamentar a discussão. Através da Análise de Discurso, foram encontradas 78 sequências discursivas, divididas em três formações dominantes: *trauma*, *superbandidos* e *culpabilidade*. A análise indica que os jornalistas utilizam elementos narrativos, especialmente figuras de linguagem, e realizam paralelos com outros atentados terroristas para melhor entendimento do telespectador. Foi possível perceber também, que ao longo da cobertura, os sentidos vão se transformando e se mostrando mais aceitos.

**Palavras-chave:** Telejornalismo. Imaginário. Discurso. Terrorismo. Jornal Nacional.

## ABSTRACT

The present work seeks to investigate the meanings constructed by Globo's *Jornal Nacional* on terrorism and terrorists in the stories about the Paris' attacks in 2015. The research corpus is composed of 57 reports collected between November 13<sup>th</sup>, the night of the attack, and November 21st, totalizing nine days. This research uses concepts of the Constructivist Theory (Traquina), of Tuchman's, Wolton's and Fecine's works to discuss journalism, and relies on the Imaginary Theories of archetypical aspect (Durand, Bachelard e Jung) to discuss how we think about terrorism more broadly. On terrorism, we rely on Daniel Dayan to ground the discussion. Through Discourse Analysis (DA) methodology, 78 discursive sequences were found, divided into three dominant discursive formations: *trauma*, *superbandits* and *culpability*. The analysis indicates that journalists use narrative elements, especially language figures, and hold parallels with other terrorist attacks for the viewer to understand better. It was also possible to perceive that, throughout the coverage, the senses became more accepted.

**Keywords:** Telejournalism. Imaginary. Discourse. Terrorism. *Jornal Nacional*.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>2. A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA NO TELEJORNALISMO.....</b>	<b>12</b>
2.1 Jornalismo e Teoria Construcionista .....	12
2.2 Televisão e possibilidade de significar.....	18
2.3 Jornalismo Internacional.....	22
<b>3. IMAGINÁRIO E TERRORISMO .....</b>	<b>26</b>
3.1 O inconsciente .....	26
3.2 Terrorismo e televisão .....	29
3.3 A imagem simbólica do terror .....	33
3.4 O reconhecimento do outro .....	35
<b>4. OS SENTIDOS CONSTRUÍDOS PELO JORNAL NACIONAL SOBRE PARIS EM NOVEMBRO DE 2015.....</b>	<b>38</b>
4.1 Metodologia.....	38
4.2 <i>Corpus</i> .....	40
4.3 Os sentidos construídos sobre terrorista e terrorismo.....	45
4.3.1 <i>FD1: Trauma</i> .....	45
4.3.2 <i>FD2: Superbandidos</i> .....	49
4.3.3 <i>FD3: Culpabilidade</i> .....	54
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>62</b>



## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se insere em um tema ainda pouco investigado na área da Comunicação, que é o jornalismo internacional na televisão. Quando procurado, o tema aparece mais nas pesquisas de pós-graduação<sup>1</sup> e é interessante que se traga a discussão em nível de graduação, que carece dessas análises em sala de aula, até pelo distanciamento do jornalismo internacional.

A escolha do tema terrorismo se deu pela atualidade do assunto, de difícil apreensão pelo jornalismo, mas que figura frequentemente nas reportagens. Mais do que isto, este trabalho é fruto da minha experiência na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Durante a graduação, participei de projetos de extensão ligados às relações internacionais e desenvolvi minha pesquisa de iniciação científica sobre as Teorias do Imaginário. Considerando estas experiências somadas às horas em sala de aula como aluna, acredito que consegui me equilibrar entre os três pilares da universidade pública: ensino, pesquisa e extensão. Resolvi me envolver em um trabalho de conclusão de curso de pudesse abarcar o conhecimento que adquiri na universidade e que se relacionasse com o meu fascínio de como o jornalismo e as relações internacionais estão interligados.

O atentado terrorista ocorrido em 13 de novembro em Paris foi uma grande surpresa não apenas para o mundo, mas para mim, que estava no início do desenvolvimento da pesquisa. Naquele semestre, estava matriculada na disciplina de Metodologias de Pesquisa em Comunicação e desenvolvia um projeto de pesquisa que abarcava a maneira como o telejornalismo apresentava o terrorismo em um momento que o terrorismo nos países ocidentais e desenvolvidos não estava muito em voga nas reportagens (mesmo com os ataques com armas de fogo ao jornal satírico *Charlie Hebdo*, em janeiro). Então, na segunda semana de novembro fui surpreendida com um ataque de grandes proporções em Paris, que se desenrolou em uma grande cobertura, mobilizando correspondentes internacionais e enviados especiais. Acredito que neste momento, compartilhei um sentimento com os colegas jornalistas: apesar de extremamente triste, o acontecimento era interessante e todo jornalismo voltava seus olhos a ele. Com este sentimento dúbio, que é criticado pela minha própria pesquisa, em que ao dar visibilidade para o terrorismo permito que ele aconteça e se

---

<sup>1</sup> Durante a pesquisa exploratória para a realização deste trabalho encontrei trabalhos de pós-graduação que abordavam o terrorismo. Entre eles, as dissertações de Moraes Neto (2003), Fernandez (2005), Cardoso (2006), Souza (2012) e Bordalo (2012) e as teses de Paiero (2012) e Espíndola (2013). O trabalho de graduação que mais se aproxima foi a monografia de Monteiro (2013), da área de Relações Internacionais.

consolide, encontrei meu objeto de pesquisa. Depois de ter assistido diversas vezes as 57 matérias que compõem o *corpus* de pesquisa, não tenho como dizer que consegui me separar da pesquisa. Mesmo com um olhar crítico, me emocionei com as notícias tanto quanto qualquer outro telespectador. Dessa forma, é importante levar em consideração que há um grande pedaço de mim na análise que aqui consta.

Com a cobertura dos atentados do dia 13 de novembro em mente, o Jornal Nacional foi escolhido pela sua consolidação como um telejornal de referência no Brasil, com capacidade técnica para ter acesso a imagens e informações mais sensíveis sobre o assunto e com equipe e equipamento suficiente para a elaboração de matérias complexas, sendo considerado, inclusive, modelo para outras emissoras. Em um primeiro momento, tive o interesse de analisar apenas as falas do apresentador William Bonner, mas conforme o percurso da pesquisa e dificuldades com a reconstrução do *corpus*, optei por analisar um panorama geral, que incluía as falas da outra apresentadora, Renata Vasconcellos, repórteres e entrevistados.

O terrorismo e o terrorista são de difícil apreensão pelo jornalismo logo que um ataque acontece, e figura nas notícias de forma pouco aprofundada. Desta maneira, compreendo que seja importante o distanciamento e análise rigorosa para que se entendam causas e consequências. Mesmo sem ser entendido por completo, não há dúvida que essas violências que classificamos como terrorismo são irrupções na normalidade, sendo consenso jornalístico a sua noticiabilidade. Considera-se que o terrorismo viva de visibilidade, e os canais midiáticos assim a fornecem, criando uma estranha simbiose entre essa violência e a mídia. Por isso, é importante analisar como estas notícias significam, ao que elas remetem, como se apropriam do discurso para reiterar ou desconstruir lugares-comuns, que imagens evocam, e *o quê e quem* relacionam ao terrorismo.

Considerando essas colocações, tenho como objetivo principal **entender como o Jornal Nacional constrói sentidos sobre o terrorismo e o terrorista nas matérias sobre os atentados de Paris, em novembro de 2015**. E como objetivos específicos, investigar as formas de construção do discurso nas matérias; apontar quais os sentidos dominantes são construídos sobre terrorismo e o terrorista; e avaliar como o discurso do Jornal Nacional se constitui ou se modifica durante a semana.

O *corpus* de pesquisa é composto de 57 matérias do Jornal Nacional, apresentadas entre os dias 13 e 21 de novembro de 2015, que versam sobre os atentados terroristas em Paris na noite da sexta-feira 13 de novembro. A Análise do Discurso de origem francesa, resumida

através dos referenciais das autoras Eni Orlandi (1994, 2015) e Márcia Benetti (2008, 2010), foi escolhida como metodologia para a análise.

Para explorar um panorama geral de como os sentidos se constroem no Jornal Nacional, esta monografia está dividida em três partes, além desta introdução. No capítulo 2, desenvolvo as perspectivas do jornalismo que acredito adequadas à forma como o telejornalismo é pensado e produzido atualmente. Trago a Teoria da Construção, compilada por Nelson Traquina (1997, 2001), que compreende as notícias como narrativas influenciadas pela cultura dos jornalistas e da sociedade onde estão inseridos; e os jornalistas como participantes ativos na construção das notícias. Entendo que a apresentação da teoria é fundamental antes que se faça a crítica ao telejornalismo, para que seja possível construir uma visão de como os indivíduos operam nas redações jornalísticas, compreendendo que os erros não são produzidos por má fé, mas por limitações técnicas e pela maneira como a sociedade entende o terrorismo. Neste mesmo capítulo, apresento perspectivas sobre o telejornalismo. Entre elas, as possibilidades das mídias generalistas (que é o caso do objeto de estudo desta monografia), a relação da televisão e do telejornalismo com o entretenimento, a televisão como formadora de identidades e a possibilidade da construção de sentidos a partir do telejornal. Na terceira e última parte do segundo capítulo, verso sobre a produção internacional de notícias – área de estudo que possui pouquíssimo material e merece ser estudada mais a fundo.

Depois, apresento as Teorias do Imaginário no capítulo 3, que também compõem nossas percepções sobre terrorismo. Os conceitos de imaginário, arquétipos, imagem simbólica e inconsciente coletivo são trabalhados nesta seção contribuindo com uma pesquisa que busca ser completa, analisando não apenas sentidos, mas a carga emocional que eles carregam. Especialmente neste capítulo, é importante considerar que os atos terroristas não são apenas violência, mas foram feitos para comunicar, criar e evocar sentidos, e é a partir do estudo do Imaginário que é possível articular as falas dos jornalistas sobre ataques terroristas com as imagens presentes em nosso inconsciente. Trago ainda conceitos de terror e terrorismo, buscando entender como essas violências se organizam com a produção dos mídia e o nosso Imaginário. Utilizo, especialmente, a conceituação produzida por Daniel Dayan (2009) para basear o resto de minha pesquisa. Com estes conceitos em mente, é possível fazer a relação das imagens que o terrorismo evoca com o que a vertente arquetipológica das Teorias do Imaginário chama de imagem simbólica (DURAND, 1988). Na última parte deste terceiro capítulo, finalizo a revisão bibliográfica explorando os conceitos que envolvem a caracterização e tipificação do outro. Aqui, especialmente, aqueles considerados “Orientais”,

considerando os estereótipos que se constituem sobre estes, embasando-me na pesquisa de Edward Said (2009).

Por fim, apresento a metodologia utilizada neste trabalho e a análise no capítulo 4. Na análise realizada, é possível encontrar três formações discursivas: *trauma*, *superbandidos* e *culpabilidade*. A primeira apresenta as sequências discursivas de repórteres e apresentadores do Jornal Nacional em que o terrorismo é classificado como criador de trauma em Paris e outras cidades onde ocorreram atentados terroristas. A segunda formação discursiva mostra as falas que contém o sentido de que os terroristas são superbandidos: invencíveis, com recursos e sem medo da morte. Por último, uma formação discursiva mais complexa é conceituada com a ajuda da Teoria Normativa da Culpabilidade, emprestada da área jurídica, em que os jornalistas do Jornal Nacional produzem um enunciado que explicita a certeza do ataque terrorista antes mesmo de qualquer autoridade francesa confirmar esta informação.

## 2. A CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA NO TELEJORNALISMO

### 2.1 Jornalismo e Teoria Construcionista

A Teoria Construcionista entende que as notícias não emergem naturalmente dos acontecimentos, mas sim, que as notícias são produto final de uma visão de mundo, em que os enquadramentos<sup>2</sup> utilizados pelos jornalistas apontam para onde olhar, e que a típica narrativa jornalística ratifica (TRAQUINA, 1999).

Para Nelson Traquina, compilador desta teoria “as notícias são o resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais” (TRAQUINA, 2001, p.85), resultado do processo de produção – percepção, seleção e transformação – dos acontecimentos em notícias. Traquina entende os acontecimentos como a matéria-prima do universo jornalístico, sendo a notícia seu produto, chamando atenção que a principal maneira de selecionar os acontecimentos é a escolha do que se julga ser digno de “adquirir a existência pública de notícia” (TRAQUINA, 1999, p.169), ou seja, escolher aquilo que é noticiável.

É partindo do princípio de que exista esta escolha, que a Teoria Construcionista entende que os jornalistas são “participantes ativos na construção da realidade” (TRAQUINA, 2001, p.86) e que as notícias são narrativas, marcadas e influenciadas tanto pela cultura e subjetividades dos jornalistas, quanto pela cultura da sociedade em que os jornalistas (e o público das notícias) estão inseridos.

A escolha desta narrativa e a forma como ela é estruturada pelo jornalista não é inteiramente livre. É orientada “[...] pela aparência que a ‘realidade’ assume para o jornalista, pelas convenções que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas” (TRAQUINA, 2001, p.87). Os acontecimentos são ponto de partida para a construção dos enquadramentos jornalísticos, mas as notícias não são os acontecimentos propriamente ditos.

Gaye Tuchman (1999) entendendo a notícia como narrativa, mostra que é possível classificá-la como “história”. E da mesma forma que uma narrativa ficcional, que chama atenção do leitor ou do espectador para elementos específicos da trama, na notícia o enquadramento jornalístico permite que certos fatos sejam definidos como componentes ou

---

2 De forma simplificada, baseada na teoria de Goffman (1986), pode-se definir o enquadramento como um elemento de organização da experiência humana: como um fato é processado e apresentado (angulado) para poder ser compreendido. Gitlin define o enquadramento como “[...] padrões persistentes de cognição, interpretação, apresentação, seleção, ênfase e exclusão, através dos quais aqueles que trabalham os símbolos organizam habitualmente o discurso, tanto verbal como visual” (1980, p. 07, apud FRANCISCATO, 2012, p. 296).

causas, de outro acontecimento e, também, permite identificar alguns fenômenos e não outros (TUCHMAN, 1999, p.262). Entretanto, dizer que uma notícia é “história” não significa rebaixá-la ou acusá-la de ser fictícia.

[...] alerta-nos para o facto de que a notícia, como todos os documentos públicos, ser uma realidade construída possuidora da sua própria validade interna. Os relatos noticiosos, mais uma realidade selectiva do que uma realidade sintética, como acontece na literatura, existem por si só. Eles são documentos públicos que colocam um mundo à nossa frente. (TUCHMAN, 1999, p.262)

A comparação com “histórias” no sentido narrativo, aparece principalmente na ideia de Traquina de que os enquadramentos utilizados pelos mídia são “[...] sugeridos através de metáforas, frases feitas, exemplos históricos, descrições e imagens” (TRAQUINA, 2001, p.87).

O autor traz principalmente a pirâmide invertida<sup>3</sup> como exemplo do processo que orienta o enquadramento, explicando que, para a Teoria Construcionista, “embora sendo índice do ‘real’, as notícias registram as formas literárias e as narrativas utilizadas para enquadrar o acontecimento” (TRAQUINA, 2001, p. 87).

A forma do *lead*, em que os dados são apresentados em ordem decrescente de importância “permite ao editor cortar tanto material quanto necessário para que a <<estória>> tenha lugar no espaço disponível” (WEAVER, 1999, p.299), servindo principalmente ao jornal impresso. No telejornal, a construção narrativa já se dá de maneira relativamente diferente. Apesar de se organizar de uma forma que as informações menos relevantes possam ser cortadas conforme o tempo – e o pé<sup>4</sup> das matérias televisivas é um exemplo disso –, a notícia de televisão é pensada, de maneira geral, como um todo.

[...] a notícia de televisão é concebida para ser completamente inteligível quando visionada na sua totalidade. O seu foco é pois um tema que perpassa a <<estória>> e que se desenvolva à medida que a <<estória>> se desenrola do seu início até ao meio e do meio ao fim. Seleccionam-se e organizam-se informações, narrativas, som e imagens para ilustrar o tema e fornecer o necessário desenvolvimento (WEAVER, 1999, p. 299)

Compreender as notícias como “histórias” facilita o entendimento de porque muitas vezes elas são constituídas de padrões repetidos. Para explicar a reutilização das narrativas, Traquina recorre à diversos exemplos de “histórias” que se repetem, explicando

---

<sup>3</sup> Nas palavras de Traquina, pirâmide invertida, estrutura do *lead* jornalístico, seria “a ênfase dada à resposta às perguntas aparentemente simples *Quem? O que? Onde? Quando?*” (TRAQUINA, 2001, p.87).

<sup>4</sup> No jargão telejornalístico, “pé” é a nota lida pelo apresentador ao final de uma matéria, contendo informações complementares, que não foram suficientemente relevantes para entrar na matéria ou que foram descobertas depois.

que, muitas vezes, “as ‘novas’ são velhas” (1999, p. 169; 2001, p.87). Em um exemplo do final do milênio, o autor mostra que

[...] a guerra no Afeganistão é o <<Vietnam>> soviético, a controvérsia sobre a venda de armas ao Irão por parte dos Estados Unidos é o novo <<Watergate>>, aliás, bem expresso pelo neologismo <<IRANGATE>>. As formas literárias e as narrativas garantem que o jornalista, sob a pressão tirânica do factor tempo, consegue transformar, quase instantaneamente, um acontecimento numa notícia (TRAQUINA, 1999, p.169)

Ao mesmo tempo, é possível fazer a comparação atual envolvendo o tema da minha pesquisa em que todo atentado terrorista remete ao Ataque às Torres Gêmeas e ao Pentágono em 11 de Setembro de 2001. Já que “[...] alguns enquadramentos ressoam narrações culturais, isto é, ‘estórias’, mitos e contos populares, que são parte integrante da nossa herança cultural” (TRAQUINA, 2001, p.88).

Sobre o 11 de setembro, e os atentados terroristas subsequentes, é possível assumir que a televisão use dois tipos de argumento<sup>5</sup>: o dos filmes catastróficos e os das reportagens sobre conflitos, guerras e as desastres naturais (CHARAUDEAU, 2009, p.75). Ou seja, o modo de produção que utiliza a narrativa também se baseia nos contos ficcionais, e isto auxilia a envolver a emoção na notícia.

Traquina (2001) divide a Teoria Construcionista em Estruturalista e Etnoconstrucionista: complementares, rejeitam a Teoria do Espelho<sup>6</sup> e situam os jornalistas no lugar de trabalho. Ao partilharem o paradigma das notícias como construção social, “[...] ambas contestam a visão de que os jornalistas são observadores passivos e defendem a posição de que, ao contrário, são de fato participantes ativos na construção da realidade” (TRAQUINA, 2001, p.86). Com suas semelhanças e diferenças, é a visão Etnoconstrucionista na qual eu acredito ser a que mais se adequa a forma como o jornalismo é produzido hoje.

Na Teoria Etnoconstrucionista a estratificação dos acontecimentos, matéria-prima da função jornalística, consiste na escolha do que se julga digno de “adquirir a existência pública de notícia” (TRAQUINA, 1999, 2001). A partir disto, Traquina julga que a principal questão do campo jornalístico é entender *o que é notícia*, “[...] ou seja, quais os critérios e os factores que determinam a noticiabilidade dos acontecimentos” (TRAQUINA, 2001, p.94).

É a necessidade de impor ordem no espaço e no tempo que criam os critérios de noticiabilidade, já que “os jornalistas vivem sob a tirania do fator tempo” (TRAQUINA,

---

<sup>5</sup> Termo emprestado do cinema, argumento é base do roteiro, que indica as principais situações do enredo.

<sup>6</sup> A Teoria do Espelho, primeira maneira de compreender o jornalismo, o via como “espelho da realidade”, de forma que “refletisse” fielmente os acontecimentos.

2001, p.95). O desafio dos jornalistas é elaborar um produto final periodicamente, e, principalmente depois do surgimento da *web*, antes que as notícias deixem de ser novidade.

É impensável a hipótese de o apresentador do telejornal, por exemplo, dizer “hoje não há notícias” ou “temos hoje um programa mais curto porque não havia notícias suficientes”. O trabalho jornalístico é uma atividade prática e cotidiana orientada para cumprir as horas de fecho (TRAQUINA, 2001, p. 95)

Desta forma, a Teoria Etnoconstrucionista entende que as empresas jornalísticas criam estratégias para lidar com este limite. Os acontecimentos podem surgir em qualquer parte e a qualquer momento, e, por isso, “[...] face à imprevisibilidade, as empresas jornalísticas precisam de impor ordem no *espaço e no tempo*” (TRAQUINA, 2001, p. 95, grifos do autor).

A primeira consequência é que acontecimentos considerados noticiáveis passam a acontecer em certas localidades e não em outras. Para isso, as organizações jornalísticas utilizam três estratégias diferentes:

[...] 1) a territorialidade geográfica – as empresas jornalísticas dividem o mundo em áreas de responsabilidade territorial; 2) a especialização organizacional – as empresas jornalísticas estabelecem “sentinelas” em certas organizações que, do ponto de vista dos valores-notícia, produzem acontecimentos julgados com noticiabilidade; 3) a especialização em termos de temas – as empresas jornalísticas se autodividem por seções que enchem certas “rubricas” do jornal. (TRAQUINA, 2001, p.96)

Segundo esta percepção, os acontecimentos nos lugares mais longínquos de um país, ou, ainda, em países considerados de Terceiro Mundo, só se tornam notícias quando há desordem. Não por um posicionamento ideológico de não noticiar aquilo que se passa nos países subdesenvolvidos, mas pela facilidade de se conseguir informações sobre e operar sobre os acontecimentos de países mais desenvolvidos e que compartilhem a mesma lógica do país que produz e transmite a notícia.

Um exemplo de como isso acontece no jornalismo internacional realizado no Brasil é a procura por brasileiros que foram testemunhas de eventos internacionais. Mais do que uma linha editorial, a procura por brasileiros em outros países favorece a compreensão da notícia e elimina algumas dificuldades, como, por exemplo, a tradução do depoimento de testemunhas locais para a veiculação da informação. Esta forma de operar acaba procurando, e assim, solidificando semelhanças e diferenças entre países e sociedades.



No acontecimento que analiso neste trabalho, – os atentados terroristas em Paris, em novembro de 2015 – muito foi criticada a cobertura jornalística<sup>7</sup> a respeito de acontecimentos semelhantes em outros lugares do mundo, ou até mesmo de eventos consequentes aos ataques, como retaliações do governo francês, que não foram (e ainda não são) divulgadas com a mesma intensidade. Mesmo que se possa argumentar uma intenção ideológica por trás dessas escolhas, segundo a Teoria Etnoconstrucionista o que acontece em Paris aparece mais nos meios jornalísticos porque é mais prático e mais relevante noticiar o que acontece lá.

Apesar de acreditar que hoje em dia haja um caráter ideológico na escolha da cobertura de certos lugares do mundo e não em outros, me filio à Teoria Construcionista e entendo que, no momento em que há mais de um acontecimento relevante, a primeira procura ocorre em certos países e até mesmo em certos estados e cidades dentro do Brasil, devido à facilidade técnica de se comunicar com e sobre esses lugares, e da proximidade cultural do local de produção e transmissão de notícias.

Contudo, a crítica se mantém: não seria um atentado terrorista, com as mesmas proporções daquele que aconteceu na França em novembro de 2015, ocorrendo em países como a Síria ou a Nigéria, suficiente motivo para mover recursos materiais e imateriais para uma cobertura jornalística completa? Não há resposta imediata para essa pergunta. O que a Teoria Etnoconstrucionista propõe é que não é uma simples ordem “vinda de cima” que faz com que isso não aconteça, mas sim, um conjunto de fatores que fazem com que seja mais fácil chegar à algumas informações e não a outras.

Além da tentativa de ordenar o espaço, Traquina apresenta o outro mecanismo de organização dos mídia segundo a perspectiva Etnoconstrucionista. Para colocar ordem no tempo, considerando que o ritmo dos acontecimentos nem sempre está em sintonia com o ritmo da atividade dos jornalistas, o autor considera que a ocorrência de um acontecimento depois da hora de funcionamento da redação “[...] tem que apresentar uma evidência clara de caracterização como acontecimento com valor-notícia em ordem a justificar a deslocação de um repórter para o cobrir” (TRAQUINA, 2001, p.98). Complemento aqui, que isto também influencia a ordem no espaço, uma vez que os fusos horários oficiais dos países podem influenciar o que a mídia expõe ou não.

---

<sup>7</sup> Um bom exemplo da falta de divulgação de acontecimentos em outros países é esta reportagem do G1 “Assad compara ataque em Paris ao ‘terror que seu povo tem passado’”, em que o presidente sírio afirma que “O que a França sofreu de terror selvagem é o que o povo sírio vêm passando há mais de cinco anos”. Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/11/presidente-da-siria-condena-ataques-em-paris-que-mataram-mais-de-120.html>>. Acesso em 20 set. 2016

Como outra possibilidade de organização, a empresa jornalística prepara suas coberturas com antecedência: “[...] tenta planejar o futuro através do seu serviço de agenda, que elabora a lista de acontecimentos previstos, permitindo assim a organização do seu próprio trabalho” (TRAQUINA, 2001, p.98).

Traquina traz ainda as ideias sugeridas por Molotch e Lester (1999), que identificam três possibilidades de relação dos indivíduos com a produção de notícias: “[...] os promotores de notícia, os *news assemblers* (os jornalistas) e os consumidores de notícia” (TRAQUINA, 2001, p.99).

Os indivíduos têm propósitos diferentes na construção e divulgação das notícias, existindo interesses ou na promoção de certos acontecimentos ou na prevenção de que certos acontecimentos se tornem notícia (TRAQUINA, 2001). Contudo, nem todos possuem a mesma possibilidade de acesso aos mídia, destacando três tipos de acesso: (a) o *habitual*, onde vários acontecimentos envolvendo o indivíduo que possui este tipo de acesso viram notícias – este poderia ser uma celebridade, um político, ou até mesmo uma fonte oficial muito utilizada, por exemplo; (b) o *acesso direto*, reservado aos jornalistas e aqueles que participam frequentemente da produção de notícias; e (c) o *acesso disruptivo*, em que para haver notícias é necessário que os indivíduos com este tipo de acesso entrem em conflito de qualquer modo com o sistema de produção jornalístico (MOLOTOCH, LESTER *apud* TRAQUINA, 2001, p.101-102)

Lorenzo Gomis chama o acontecimento criado pelo conflito dos indivíduos com acesso disruptivo com o sistema de “pseudoevento”.

Não é um fato espontâneo, mas sim previsto, suscitado ou provocado. Será uma entrevista, mais que o descarrilamento de um trem ou um terremoto. O objetivo costuma ser o de que o fato seja contado ou registrado. A difusão será a medida do êxito. A informação pode ser escrita de antemão para sua difusão posterior. Suas relações com a situação real são ambíguas e se as pessoas se perguntam o que queria realmente dizer a pessoa entrevistada, tanto melhor. O enigma favorece o comentário e, com ele, a penetração e a duração da notícia. (GOMIS, 2004, p.109)

Entre o que é possível caracterizar como criador de pseudoeventos, entram as festas de comemoração de empresas, os protestos e movimentos sociais e, principalmente para o escopo deste trabalho, os atentados terroristas. Os atentados terroristas, diferentemente dos outros exemplos não são, obviamente, agendados com a sociedade e com os produtores de notícia. Mas é justamente porque só possuem acesso disruptivo, porque buscam *ser notícia*, que – sem avisar a sociedade – os terroristas escolhem hora e local exatos para ter mais visibilidade, para aparecer no noticiário que almejam, para criar o terror e se promoverem através da divulgação que o jornalismo permite.

## 2.2 Televisão e possibilidade de significar

Não é de hoje que a televisão, e o conteúdo para ela produzido, são considerados “menores”, “menos intelectuais” ou “alienadores”. Eugênio Bucci (1997) contesta esta ideia, demonstrando que, mesmo com o esforço para se produzir material de qualidade, ainda há uma visão muito forte de que esses conteúdos são idiotizantes, que ainda há uma “recusa intelectual”:

Para muitos, ainda hoje, TV não é coisa séria. Seria simplória demais, idiotizante demais para ser levada à sério. As telenovelas seriam sempre ruins porque sempre são melodramáticas. O telejornalismo, sempre superficial porque é sempre espetacularizado. Os comerciais, sempre lixo porque só querem vender e vender porcariada. Quanto aos telespectadores são sempre idiotas, porque a massa, afinal de contas, como toda unanimidade é burra (BUCCI, 1997, p. 26-27)

Para Bucci, a TV tem sido tratada como “fenômeno menor” (1997, p.25), como “vitrine dos lixos da indústria cultural”. Contudo, não é tanto o fato de que a televisão – e aqui abrimos caminho para o telejornalismo – seja superficial, mas que na verdade, ela requer uma linguagem adequada ao meio, que chame a atenção do telespectador. O mesmo conteúdo que faz a televisão ser considerada banal ou inútil, é aquele que mais significa e envolve os indivíduos em suas peculiaridades. “A *banalidade* é a condição para que a televisão desempenhe seu papel de abertura ao mundo, tanto para a experiência pessoal, quanto para o acesso à história” (WOLTON, 2007, p.64). Sem uma linguagem mais simples e direta e o que é considerado banalidade não existiriam telespectadores. Wolton, entende que é a partir da “banalidade” que é possível chamar atenção do público para os conteúdos jornalísticos – ou não – que trazem discussões relevantes para a sociedade. “A solução, desde sempre, consiste em fisgá-los a partir desta necessidade de distração para levá-los a programas de qualidade” (WOLTON, 2007, p.64).

Wolton (2007) contesta a ideia de que os telespectadores são alienados. O público possui inteligência crítica e sabe guardar distância da televisão. “Assistir não significa forçosamente aderir ao que se vê” (p. 63). Bucci (1997) também partilha desta teoria. A TV não faz o que quer com a audiência, não condiciona – ao menos não diretamente. Apesar de ter os instrumentos para “[...] ordenar hábitos dispersos em códigos reconhecíveis e unificadores” (BUCCI, 1997, p.12), os mídia que a controlam não têm como objetivo doutrinar uma massa acrítica.

E mesmo se tivessem, estes autores não consideram que os telespectadores obedeçam cegamente ao que se passa na tela. Existe a necessidade de privilegiar o grande público, e isto significa apostar em sua inteligência. Por esse motivo os canais de televisão,

especialmente os generalistas – que é o caso da Rede Globo – possuem uma responsabilidade com a oferta. A questão da oferta em contraponto a demanda é uma das discussões recorrentes quando se fala da programação televisiva. Wolton entende que é a partir da oferta dos canais de televisão que o público se interessa por novos conteúdos:

[...] além de um conhecimento sociográfico da demanda, a característica distintiva de uma indústria cultural persiste na responsabilidade de oferta. É lembrar também, evidentemente, que o público nunca é passivo ou alienado. Ele pode ser influenciado, principalmente por programas de baixa qualidade, mas falar em alienação suporia a perda de seu livre-arbítrio. (WOLTON, 2007, p.68)

Por esse motivo fazer televisão temática pode ser mais fácil e mais rentável do que a televisão generalista (WOLTON, 2007), uma vez que os nichos asseguram uma possível demanda pública para aquele assunto específico; nas mídias generalistas há sempre a possibilidade de que o telespectador não se encontre no assunto mostrado. E, ao mesmo tempo, o autor entende que é nesta possibilidade que reside a beleza das mídias generalistas:

[...] ela obriga não a se interessar pelo que interessa aos outros, mas ao menos reconhecer o fundamento deste interesse. *E reconhecer o lugar do outro já não é o primeiro passo para a socialização?* A coabitação de programas no âmbito de um canal é uma das manifestações da coabitação social. (WOLTON, 2007, p.75, grifos do autor)

Também por isso, os canais generalistas precisam, mais do que nunca, chamar a atenção do espectador. De certa forma, com o avanço da tecnologia, a televisão ocupa mais um espaço que já era consagrado do rádio: o de barulho de fundo.

Vemos TV dispersivamente, enquanto conversamos e nos movimentamos pelas peças de nossa residência, almoçamos, atendemos o telefone, recebemos amigos. A linguagem básica da TV funda-se justamente nessa dispersão, e busca de todas as formas responder a ela, de modo especial pesquisando ritmos, selecionando sons, atores, personagens, produzindo imagens e diálogos, a fim de capturar atenções e emoções (FISCHER, 2006, p.62)

Um das formas que o telejornal puxa a atenção são as inúmeras chamadas<sup>8</sup> que são feitas antes do programa, durante a programação, e a escalada. Para Rosa Maria Bueno Fischer (2006), essa repetição existe porque há o pressuposto que o telespectador irá se dispersar e, então, “[...] constrói-se um modo específico de constantemente capturar a distraída mulher ou o desatento jovem, comunicando que tal assunto está em pauta, e que sobre ele o Brasil será informado” (p.62).

O telejornal é o que Alfredo Vizeu (2004) chama de “discurso da atualidade” (p.114), por organizar sua *enunciação* no tempo presente, “no sentido da atualidade do discurso” (p.114).

---

<sup>8</sup> Apresentação das principais notícias ou manchetes do jornal antes de ele começar.

Não da atualidade cronológica, já que entre o momento do acontecimento do fato e a notícia, temos um interregno mediado pelo telejornal, mas da atualidade do noticiário televisivo. Mesmo um evento transmitido ao vivo, em tempo real, se submete ao tempo e à formatação do telejornal: há um recorte sobre a realidade (pelo plano da tomada, pela forma de enquadramento, etc). Como observa Machado (2000, p.104): “o telejornal é, antes de mais nada, o lugar onde se dão atos de enunciação a respeito dos eventos”. Isto é, sujeitos falantes diversos se sucedem, se revezam, se contrapõem uns aos outros, praticando atos de fala que se colocam nitidamente como o seu discurso com relação aos fatos relatados (VIZEU, 2004, p. 114)

No telejornalismo, os enunciados se organizam produzindo um “enunciado englobante implícito (todo) ao serem inseridos e articulados entre si numa mesma temporalidade definida pelo início e pelo fim do programa” (FECHINE, 2008, p.70). Ou seja, para o telejornal, é importante considerar o discurso não só de uma única reportagem ou de um único jornalista, mas de todos os enunciados que ocorrem durante o tempo de programa.

Levando em conta que a enunciação é uma tomada de posição, “instância que estrutura o valor do dito” (VIZEU, 2004, p.112), que constrói as matérias a partir das mensagens e das regras específicas de cada sistema ou veículo de comunicação, é relevante ressaltar que o enunciado produzido para a televisão segue uma linha que (deveria) perpassar todo o telejornal, e não apenas um único agente.

Valores como credibilidade, empatia e a veracidade do telejornal, por exemplo, estão diretamente ligados à confiança que os telespectadores depositam nos apresentadores e repórteres dos telejornais. Os apresentadores, especificamente, são considerados a “cara” do programa que comandam, ao mesmo tempo em que “constroem sua imagem numa constante tensão entre a propalada exigência de ‘objetividade’ e imparcialidade da prática jornalística e a autopromoção e glamourização inerentes à televisão” (FECHINE, 2008, p.69).

Bucci (1997) entende que é com a capacidade de capturar emoções que a televisão generalista, mesmo com o advento da TV por assinatura, continua influente. Esta reflexão de Bucci é anterior ao Youtube, Netflix e outros serviços de streaming, mas a premissa de nichos se mantém a mesma.

Essas imagens únicas que percorrem simultaneamente um país tão dividido como o Brasil [...] contribuem para transformá-lo em um arremedo de nação, cuja população, unificada não enquanto ‘povo’, mas enquanto público, articula uma mesma linguagem segundo uma mesma sintaxe. O conteúdo desta linguagem importa menos que seu papel unificador, uniformizador: a integração se dá ao nível do imaginário. (KEHL *apud* BUCCI, 1997, p.16)

A ideia de uma nação precisa ser endossada constantemente, “[...] não são apenas a adição de milhares de indivíduos. Trata-se também, e talvez principalmente, de uma coletividade simbólica, que se constrói todos os dias” (WOLTON, 2007, p.71).

A construção da identidade foi moldada pela forma que a televisão se constituiu no Brasil durante a ditadura militar, a partir dos anos 70, formando a autoimagem do brasileiro que existe hoje. “O projeto de integração nacional pretendido pela ditadura militar, um projeto levado a efeito por uma política cultural bem desenhada [...] alcançou êxito graças à televisão” (BUCCI, 1997, p.15-16).

Atualmente, é produzindo assunto para os indivíduos, fora do núcleo midiático, que a televisão proporciona sentidos que permitem a construção de identidade. A televisão “[...] serve para se ter o que falar [...] é um objeto de conversação” (WOLTON, 2007, p. 72). A programação não seria tão eficiente se, em vez de haver trocas entre os indivíduos, cada um assistisse a televisão em silêncio sem poder discutir sobre suas percepções.

Ela proporciona diálogo com aqueles que estão perto, ao mesmo tempo em que une aqueles que estão extremamente distantes. A televisão serve “[...] para unir indivíduos e públicos que de um outro ponto de vista tudo separa e lhes oferecer a possibilidade de participar de uma atividade coletiva” (WOLTON, 2007, p. 71-72).

Bucci (1997) é cauteloso ao explicar como a televisão mostra o país. Sua explicação sobre as diferenças que se percebem entre o Brasil da TV e o “Brasil que entra em ebulição nas ruas” (1997, p.32), referindo-se aos comícios das Diretas Já (1983-1984). Esse momento pode ser comparado com o que aconteceu em 2016 na televisão brasileira, em que os noticiários ressoaram de forma muito mais abundante os movimentos-sociais a favor do Impeachment da presidenta Dilma Rousseff, do que os movimentos contra, em mais um momento de extrema polarização da política brasileira.

O autor ainda dá um passo à frente e fala, além das exclusões políticas, das exclusões sociais que a televisão faz: “Os miseráveis, os opositores, os feios, e mesmo os negros mais fiéis às próprias origens: todos são excluídos do cardápio visual oferecido ao grande público. E quando aparecem, vêm para saciar o escárnio do preconceito” (BUCCI, 1997, p.32).

Assim como une os brasileiros e cria sua autoimagem – “limpa”, da maneira que pretende passar que o Brasil é –, a televisão é capaz de criar nos indivíduos “imagens” de lugares, pessoas e culturas com as quais eles nunca se depararam antes. Fischer traz o exemplo da divulgação da vida das mulheres afegãs, com fotos, cenas e textos audiovisuais:

Haverá tantas e tão mais complexas leituras ou entendimentos dessas imagens, conforme os tipos de espectadores ou leitores. Estão em jogo seu repertório de informações sobre o tema e sobre a própria experiência, em maior ou menor grau de frequência e qualidade, de ver TV, ler jornais, livros e revistas, discutir problemas graves como esse; da mesma forma, estão em jogo seus valores, sentimentos, seu posicionamento ideológico que, continuamente, são mobilizados numa situação como

essa - a partir também do modo como os produtores das imagens e textos construíram aquela mensagem, em termos técnicos e ideológicos (FISCHER, 2006, p.65-66)

Mesmo que sejam possíveis diferentes leituras, a comoção com as imagens apresentadas é um “sentimento carregado de sentidos” (FISCHER, 2006, p.66), ou seja, “sentidos produzidos no âmbito de uma prática cultural e histórica, já que se trata de materiais veiculados por determinados meios de comunicação, numa determinada época, para determinados públicos” (FISCHER, 2006, p.66). Isso significa que o telejornal em dado tempo e espaço é capaz de fazer surgir outras identidades, já que os produtores da notícia estão inseridos nessas práticas culturais, conhecem o público e vivem na mesma época. Da mesma forma que Fischer utiliza como exemplo a divulgação do modo de vida no Afeganistão, é possível fazer relações com quaisquer outras matérias internacionais.

Para entender como o telejornalismo significa é preciso retomar a ideia de Fachine (2008) que há uma conexão emocional entre o telespectador e os apresentadores. Estes que passam credibilidade ao estarem todos os dias fazendo companhia para quem assiste televisão, tem um discurso tão influente quanto um amigo próximo, o que, com certeza, auxilia na construção de sentidos e na formação de identidades. Bonner, por exemplo, é a representação de sucesso no trabalho jornalístico e - em dado momento - da renovação do jornalismo da Rede Globo, tido como apresentador ímpar, responsável pelo sucesso do Jornal Nacional, mesmo que não seja o único a compor o telejornal (HAGEN, 2007).

A forma como muitos apresentadores constroem sua reputação - e relação - junto ao público é resultado do que se publica sobre eles (FACHINE, 2008). Para Hagen (2007, p.78), este sentido é construído por Bonner e reproduzido por outras mídias, já que não é possível perpetuar este discurso diretamente no JN, apenas endossá-lo.

São estes motivos que constituem a importância do apresentador - e de seus enunciados - na construção jornalística. Diferentemente de outros atores, o apresentador fideliza o telespectador e transmite credibilidade. É no reconhecimento do telejornalismo como capaz de produzir emoção que é possível compreender porque existe essa relação íntima entre a televisão e aquele que a assiste.

### **2.3 Jornalismo Internacional**

Dadas as inúmeras características existentes na construção do telejornal, é preciso ainda explicar sobre a produção internacional de notícias. É preciso entender que no jornalismo internacional a grande diferença em relação ao jornalismo local é o número de indivíduos pelo qual o acontecimento “passa”. A cadeia da comunicação noticiosa acontece

na seguinte ordem: primeiro, os acontecimentos “acontecem” no mundo; depois, são percebidos pelos mídia – aqui são selecionados e enquadrados; assim, é criada uma “imagem”, ainda pelos mídia; para depois serem percebidos pelos indivíduos; e, por último, depois de selecionados e enquadrados novamente, terminam na “imagem pessoal” do indivíduo (GALTUNG, RUGE; 1999, p.62). Nessa lógica, quanto maior a cadeia noticiosa, por mais distorções o acontecimento pode passar.

Por questões principalmente técnico-financeiras, não são todas as empresas jornalísticas que possuem correspondentes ou podem bancar enviados especiais, dessa forma, muitos se apoiam nas agências de notícias internacionais – que capturam informações regionais para divulgar aos veículos do mundo inteiro. Apesar do jornalismo internacional não se resumir à história das agências de notícia, é interessante saber que as agências existem oficialmente desde a década de 1830, tendo sua função elementar a de “importação e exportação de conteúdo jornalístico, especificamente aquele de origem internacional, além-fronteiras” (AGUIAR, 2009, web<sup>9</sup>).

De certa forma, já apresentei as primeiras percepções de como se dá o jornalismo internacional quando falo da organização das notícias em relação ao espaço, na Teoria Etnoconstrucionista. Em um exemplo prático, o jornalista João Batista Natali (2004), analisou a cobertura feita sobre dois aviões que caíram em 2000, um na França e outro na Angola. Na sua análise, o autor utiliza o número de palavras, na relação com o número de mortos, como método. A conclusão é de que o avião que sobrevoava a França ganha sete vezes mais destaque (neste parâmetro) do que o da Angola.

Essa explicação nos levaria a afirmar mais ou menos o seguinte: queda de avião pobre em país pobre é menos notícia que a queda de avião rico em país rico. O que infelizmente é verdade. Mas não é toda a verdade e não explica a “discriminação” presente no noticiário. Há também a acessibilidade geográfica ao fato jornalístico. Na França, bastou deslocar equipes de fotógrafos e repórteres das agências baseados em Paris para que em meia hora eles se encontrassem no local em que o Concorde caiu. Em Luanda, não há sucursais das grandes agências internacionais. Elas têm no máximo *stringers* (jornalistas que só escrevem quando acionados pela sede) ou correspondentes. (NATALI, 2004, p.14-15)

Além da facilidade geográfica, é necessário destacar a proximidade cultural, “[...] aquele que procura o acontecimento dá particular atenção ao familiar, ao semelhante culturalmente, enquanto o distante culturalmente passará de modo mais fácil e não será notado” (GALTUNG, RUGE; 1999, p.65). As conclusões de Natali se afinam com esta teoria, uma vez que ele percebe que a acessibilidade não é um fator apenas geográfico, quando

---

<sup>9</sup> Documento eletrônico não paginado.



discorre sobre a dificuldade de realizar coberturas na China, por exemplo, onde os jornalistas estrangeiros não são bem-vindos. “É também um fator político.” (NATALI, 2004, p.15)

Entretanto, países considerados cultural e politicamente diferentes daquele onde a notícia é apresentada, podem servir de comparação ao carregar significados que envolvam a cultura onde o telespectador está inserido, o “[...] país culturalmente distante pode ser trazido através de um padrão de conflito com o próprio grupo de indivíduos” (GALTUNG, RUGE; 1999, p.65-66)

Galtung e Ruge (1999) fazem uma explanação sobre critérios de noticiabilidade – muito já explorados por outros autores – aplicados em um nível internacional, em que a proximidade cultural e a produção de notícias a partir de um “padrão de conflito” fazem parte.

Além da proximidade cultural, é necessário estar atento a clareza do acontecimento, no sentido em que deve haver apenas um número limitado de significados que podem ser atrelados a ele.

[...] quanto menos ambiguidade mais o acontecimento será notado. Isto não é bem o mesmo que preferir o simples ao complexo, é mais uma questão de precisão; é preferível um acontecimento com uma intenção clara, livre de ambiguidade no seu significado, ao que é altamente ambíguo do qual muitas e inconsistentes implicações podem ser, e serão, feitas (GALTUNG, RUGE; 1999, p.63)

É por isso que muitos jornalistas são tão categóricos em afirmar que as coisas “são”. Em uma das matérias que será analisada no Capítulo 4, William Bonner afirma que – mesmo sem a confirmação das unidades policiais parisienses naquele momento –, o que havia acontecido em Paris, no dia 13 de novembro de 2015, *era um ato terrorista*. Porque, ao enquadrar o acontecimento em um momento precoce – mesmo que o enquadramento possa se mostrar errado posteriormente –, o torna muito mais fácil de ser compreendido.

Nesta linha, Galtung e Ruge apresentam diversos outros fatores que auxiliam a analisar a pertinência das notícias. Retomando a ideia do “tempo” da produção de notícias, os autores apresentam a ideia de frequência: “[...] quanto mais a frequência do acontecimento se assemelhar à frequência do meio noticioso, mais hipóteses existem de ser registrado como notícia por este mesmo meio noticioso” (GALTUNG, RUGE; 1999, p.64). Para este critério, por exemplo, a morte em uma guerra é rápida demais para ser noticiada no jornal diário, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento de um país é muito lento, e necessita de um acontecimento síntese para que seja noticiado.

Esse acontecimento síntese também precisa passar um limiar – que não possui definição exata – para ser noticiado (GALTUNG, RUGE; 1999, p.63). É a ideia, a partir dos critérios de noticiabilidade, de que quanto maior, mais violento ou mais impactante for um

acontecimento, mais ele é digno de ser notícia. Este paradigma pode servir tanto para definir o que vai ou não ser noticiado, mas também, o quão importante será aquela notícia no contexto do telejornal.

Os autores consideram que há uma construção da imagem mental pelos jornalistas e indivíduos sobre como deve ser um acontecimento, e um dos critérios de seleção é que ele se encaixe nesta normativa. Dessa forma, as notícias “[...] se estiverem muito longe das expectativas não serão registradas” (GALTUNG, RUGE; 1999, p.66), ou seja, se o enquadramento não for o que se espera sobre o acontecimento, ele será refutado de imediato tanto pelos jornalistas, quanto pelo público (que são o mesmo em muitos momentos da cadeia produtiva). E se o acontecimento for significativo para a cultura e consonante com o esperado, ainda é necessário que seja “inesperado ou raro” (p.66) ou ambos.

Existem ainda mais quatro fatores que podem ser mutáveis de uma cultura para outra. São eles (1) a relação do acontecimento com as nações de elite, (2) com as pessoas de elite, (3) com a personalização dos acontecimentos e, (4) a preferência por notícias negativas (GALTUNG, RUGE; 1999, p.67).

Quanto mais próximo culturalmente for o acontecimento, e por isso mais significativo, menos ele tem de se referir às pessoas da elite – e vice-versa: quanto mais distante culturalmente for o acontecimento, mais se deve referir às pessoas de elite (GALTUNG, RUGE; 1999, p.73)

Para os autores, estes são critérios de seleção dos acontecimentos, e logo que eles são selecionados, a “distorção” ocorre porque o critério que a fez se destacar é salientado (p.71). Passando por muitas “mãos”, a notícia internacional se transforma muito mais do que as notícias locais. “[...] quanto maior a cadeia, mais a seleção e a distorção terão lugar [...] – mas também haverá mais material para seleccionar e distorcer se se pensar nas agências de informação ligadas a correspondentes especiais” (GALTUNG, RUGE; 1999, p.72)

### 3. IMAGINÁRIO E TERRORISMO

O jornalismo, como qualquer outra ciência social, possui formas diversas de ser analisado. Além das múltiplas teorias do próprio jornalismo, busca também influências em teorias de outras áreas do conhecimento que tentam compreender a linguagem. Nesta perspectiva, trago aqui alguns conceitos das Teorias do Imaginário que acredito que contribuam para entender a carga emocional que algo como o terrorismo – especialmente quando aliado à representação televisiva – carrega.

Quando pensamos na palavra *imaginário* esta aparece no senso comum para caracterizar o irreal e o fantasioso. Embora muitas vezes rebaixado à capacidade criativa infantil ou à ilusão e ao erro, o Imaginário é mais que a construção de nossas mentes, é um sistema, um movimento organizado de imagens (DURAND, 1997).

Entre os entendimentos de *imaginário*, além daquilo que carrega o senso comum, existem diferentes abordagens. Trago aqui a baseada em escritos de Gilbert Durand (1988, 1997), Gaston Bachelard (1993, 2001a) e Carl Jung (1971), que trabalham com a ideia de arquétipos, sendo assim, considerada vertente arquetipológica. Ainda, para analisar com efetividade o terrorismo televisionado, busco conceitos de *terror* e *terrorismo*, procurando entender como se dá a relação destas violências com a produção de imagens dos mídia e o nosso imaginário.

#### 3.1 O inconsciente

Para a vertente arquetipológica, o Imaginário se forma entre as vontades do que vem de fora – a sociedade – e do que está lá dentro – nosso inconsciente. Ele é, na verdade, esta tensão entre nossas intimações biopsíquicas e nossas coerções históricas. À incessante troca entre estas duas forças, Durand (1997) dá o nome de “trajeto antropológico”.

Entendendo que as imagens a que somos submetidos não necessariamente significam, mas “são”; no sentido em que delas emanam significados que só podem ser ligados a elas mesmas, Durand – se apropriando de algumas ideias de Gaston Bachelard – explica como se dá o caráter imaginativo:

[...] a imaginação é dinamismo organizador e este dinamismo organizador é fator de homogeneidade na representação. [...] muito longe de ser faculdade de “formar” imagens, a imaginação é potência dinâmica e este dinamismo reformador das sensações torna-se o fundamento de toda a vida psíquica porque “as leis da representação são homogêneas”, a representação sendo metafórica a todos os seus níveis, e, uma vez que tudo é metafórico, “ao nível da representação todas as metáforas se equivalem” (DURAND, 1997, p.30)

Quando estas teorias falam em representação, referem-se a capacidade de uma forma de comunicação evocar<sup>10</sup> imagens do outro ou de uma situação a partir de uma construção semântica ou imagética. Nesse âmbito a representação do outro é entendida na imagem – não apenas visual – quando ela evoca em nós sentidos que perpassam a nossa memória. Bachelard (2001a), por exemplo, entende que há uma imaginação que utiliza conceitos vividos por nós e outra que utiliza um repertório muito mais profundo do que o da memória.

Tudo aquilo que é dito nos manuais sobre imaginação reprodutora deve ser creditado à percepção e à memória. A imaginação criadora tem funções totalmente diferentes daquelas da imaginação reprodutora. Cabe a ela essa *função do irreal* que é psiquicamente tão útil como a *função do real* evocada com tanta frequência pelos psicólogos para caracterizar a adaptação de um espírito a uma realidade marcada pelos valores sociais. (BACHELARD, 2001, p.3. Grifo do autor.)

Mais do que apenas “algo que nos lembre algo”, a representação televisiva, nesta perspectiva, é capaz de gerar em nós emoções próprias que só seriam possíveis, anteriormente, estando *in locu*. Dessa forma, também somos capazes de explicar porque o sentimento é tão diverso quando milhares de pessoas assistem a mesma tragédia.

Mas o que seria este repertório que não se encontra na nossa memória individual? Se é entre as pulsões subjetivas e as coerções sociais que surge o imaginário, é compreensível que estas duas forças formem nosso repertório, unindo as imagens a que somos submetidos durante a vida com as do nosso “inconsciente coletivo”.

Para Carl Jung (1971), o inconsciente pessoal é a relação entre a consciência do eu e o processo inconsciente. Diferentemente do que pensava Freud, Jung não acredita que o inconsciente é formado apenas pelo reprimido, pois sendo assim, a libertação dos pensamentos faria com que este se tornasse inexistente. O inconsciente possui todo o material psíquico que ainda não alcançou a consciência, são conteúdos pessoais, adquiridos durante a existência do indivíduo que jamais se encontram em repouso (JUNG, 1971).

Estes conteúdos, quando trazidos à luz, são feitos de modo mais limitado, pois a parte liberada e conscientizada do inconsciente é em geral desagradável. No inconsciente figuram desejos, lembranças, tendências, planos, entre outros (JUNG, 1971, p.4). Para Jung, é possível visualizar o inconsciente pessoal através da análise dos sonhos.

Entretanto, segundo o autor, nem todos os conteúdos do inconsciente parecem vir de aquisições e elementos pessoais. Utilizando o exemplo de uma paciente agnóstica que

---

<sup>10</sup> Como as Teorias do Imaginário trabalham com a ideia de que as imagens “são” no lugar de significar, é comum o uso do termo “evocar” em vez de “significar” ou “construir”.

sonha com uma ideia arcaica de Deus, mostra que a imagem que ela evoca não poderia surgir a partir de suas vivências. Jung (1971) entende a imagem divina autêntica e primitiva como uma “imagem totalmente coletiva” (p.13), histórica, propagada pelo mundo e que aparece na função psíquica assim como as imagens produzidas pelos nossos conteúdos pessoais. É a este conjunto de imagens que Jung dá o nome de *inconsciente coletivo*.

O inconsciente coletivo seria, então, essas imagens adquiridas, impessoais, coletivas, herdadas de uma humanidade passada, consideradas arquétipos. “Não se trata de ideias inatas, mas de caminhos virtuais herdados” (JUNG, 1971, p.13), armazenados em um estado profundo de nosso inconsciente.

O arquétipo, para Jung (1971), é a imagem primordial presente no inconsciente coletivo. A paciente agnóstica, por exemplo, ao sonhar com uma ideia divina arcaica, remete ao arquétipo do “pai todo poderoso”<sup>11</sup>. Relacionado com o inconsciente coletivo, o arquétipo é uma concepção primitiva, que corresponde a uma mentalidade arcaica. Para o autor, entretanto, o arquétipo não é a imagem em si. É o primordial, o anterior, capaz de, depois sim, produzir uma imagem (JUNG, 1971).

A partir da conceituação de Jung, Gilbert Durand amplia as definições de arquétipo.

O que diferencia precisamente o arquétipo do simples símbolo é geralmente a sua falta de ambivalência, a sua universalidade constante e a sua adequação ao esquema: a roda, por exemplo, é o grande arquétipo do esquema cíclico, porque não se percebe que outra significação imaginária lhe poderiam dar, enquanto a serpente é apenas símbolo do ciclo, símbolo muito polivalente. [...] É que, com efeito, os *arquétipos ligam-se a imagens muito diferenciadas pelas culturas e nas quais vários esquemas se vem imbricar*. Encontramo-nos então em presença do símbolo em sentido estrito, símbolos que assumem tanto mais importância quanto mais ricos em sentidos diferentes. (DURAND, 1997, p.62. Grifos do autor).

À imagem que evoca sentidos do inconsciente, podemos chamar de simbólica (DURAND, 1988). É imagem simbólica aquela que traz os mais profundos sentimentos, ligando-os às imagens que nos são comuns não apenas pela memória, mas também por nosso inconsciente coletivo. O próprio terrorismo procura evocar estas imagens quando trabalha com a nossa emoção e a nossa capacidade de ficarmos surpreendidos com a barbárie.

Diferentemente dos signos arbitrários, como os escolhidos para as letras, a imagem simbólica traz a tona o caráter imaginário de nossas construções linguísticas ou visuais. Como explica Durand (1997, p.29),

---

<sup>11</sup> Durand (1997), Jung (2000) e Bachelard (1990, 1998, 1999, 2001a, 2001b) classificam os arquétipos nas suas obras, apontando significados e os organizando em categorias. O estudo destas categorias seria útil para uma análise mais detalhada, entretanto para o escopo deste trabalho, de acordo com a metodologia utilizada, acredito que seja suficiente saber que elas existem dentro do que os autores intitulam de inconsciente.

[...] na linguagem, se a escolha do signo é insignificante, é por que este último é arbitrário, já não acontece o mesmo no domínio da imaginação em que a imagem - por mais degradada que possa ser concebida - é ela mesma portadora de um sentido que não deve ser procurado fora da significação imaginária. O sentido figurado é, afinal de contas, o único significativo, o chamado sentido próprio não passando de um caso particular e mesquinho da vasta corrente semântica que drena as etimologias.

A imagem simbólica difere das outras porque é evocada e transformada através da experiência pessoal, e, mesmo que faça uso de arquétipos, ela faz sentido em um nível mais individualizado. É possível dizer que a imagem simbólica é “sentida” mais do que “vista”, ela tem relação com o vivido. Ela seria a resposta para o universo da angústia humana (DURAND, 1997). Já a palavra não representa, ela é. De certa forma isto a sacraliza, porque a palavra falada é a expressão do pensamento. Bachelard (1993) explica os sentimentos da imagem simbólica quando fala de como a linguagem poética repercute e desperta a criação do leitor (ou ouvinte):

Por esta repercussão, indo *imediatamente* além de toda a psicologia ou psicanálise, sentimos um poder poético erguer-se ingenuamente em nós. É depois da repercussão que podemos experimentar ressonâncias, repercussões sentimentais, recordações do nosso passado. Mas a imagem atingiu as profundezas antes de emocionar a superfície. E isso é verdade numa simples experiência e leitura. Essa imagem que a leitura do poema nos oferece torna-se realmente nossa. Enraíza-se em nós mesmos. (BACHELARD, 1993, p.7)

É preciso lembrar que neste trabalho trago a análise de imagens de violência configuradas para sensibilizar – tanto pelo lado dos terroristas, mas também pelo da construção jornalística. Se é possível realizar esta comparação inicial, da mesma forma que o poeta busca emocionar sua audiência para que se identifique com seu trabalho através de diversos sentimentos, o terrorista busca emocionar a audiência para criar disrupção, através principalmente do medo. Diferente de outros atos de violência, os que são de cunho terroristas não apenas são comunicados pela mídia, como *foram feitos* para comunicar, criar, e evocar sentidos.

### **3.2 Terrorismo e televisão**

O terrorismo é passível de múltiplas interpretações, e por ter seu aspecto construído sobre a violência propagada, é difícil, se não, impossível, caracterizá-lo pela forma de violência que escolhe operar, ou pelos seus agentes. Assim como para as testemunhas locais de tais atos essa conceituação é dificilmente realizada num primeiro momento, podemos entender que no jornalismo, mediado por inúmeros fatores humanos, esta dificuldade também se encontra.

Foi na Revolução Francesa, no século XVIII, que o termo *terror* se constituiu, sendo usado até hoje, para se referir ao período histórico em que Maximilien Robespierre se instaurou no poder. A ideia de terrorismo então, se institui àqueles que produzem o terror, o medo, através de suas ações violentas, sejam estas quais forem, ou com quais objetivos. Daniel Dayan (2009) apresenta a problemática de que se o terrorismo se diferencia pelo seu contexto histórico, método e agentes, é fácil entender que a diversidade de coisas que chamamos de terrorismo não tem nada em comum.

Foi apenas três séculos após a queda da Bastilha que o termo passou a vigorar em nosso vocabulário remetendo a ataques internacionais planejados por grupos específicos à uma nacionalidade ou estilo de vida: depois do ataque às Torres Gêmeas em Nova Iorque em 11 de setembro de 2001. Antes destes acontecimentos, a palavra terrorista era utilizada para se referir, principalmente, a guerrilheiros e revolucionários pelas suas disruptões violentas em nome de uma ideologia. Segundo Wainberg (2005), este acontecimento quebrou com uma onda crescente de uma paz (imaginada) mundialmente. Do fim da Guerra Fria até 2001, o turismo havia crescido exponencialmente e as identidades regionais parecem se esvaír em nome de uma integração global. A partir de 11 de setembro, entretanto, passa a predominar

[...] o temor por uma nova guerra civilizacional (fala-se agora, aos sussurros, de cruzadas, ora dos radicais de Osama Bin Laden contra o ocidente judaico-cristão, e às avessas, do ocidente sustentando sua sanha colonial em busca do domínio do tesouro petrolífero da península arábica). Nestas visões fóbicas, a identidade cultural dos povos torna-se uma espécie de chave-mestra que autoriza ou não a articulação de alianças estratégicas. Fatores étnicos afins, similitudes religiosas, semelhanças filosóficas e estilos de vida comuns tornam-se nesta visão de guerra civilizacional fatores tão decisivos nos cálculos estratégicos como recursos naturais e capital. (WAINBERG, 2005, p. 279)

Deste momento em diante, parece que surge aos olhos uma conceituação mais específica do que é terrorismo. Para Dayan (2009), o terrorismo internacional é o que mais se distingue de situações de resistência e guerrilha, uma vez que não é, necessariamente, aqueles que agem os mesmos que levam o crédito pelas ações; nem o grupo atingido é, necessariamente, o grupo contra quem efetivamente se encontram em desalinho; e que o local do ato terrorista não é onde se faz a resistência, mas “onde teve lugar como mensagem” (DAYAN, 2009, pg. 28).

Para Dayan, todas as definições de terrorismo usadas comumente, inclusive o terrorismo internacional, podem ser pensadas de um mesmo lugar:

[...] parece então possível definir o terrorismo contemporâneo como uma violência doutrinária não estatal, de carácter circunscrito, apresentada como uma insurreição e oferecida como uma mensagem. Esta mensagem emana de um grupo autoproclamado como representativo de uma população e dirige-se à opinião pública de uma sociedade sem passar pelos seus dirigentes nacionais. Por último, os media

são indispensáveis para a performance terrorista, tanto pelo seu alcance [...] quanto pela sua periodicidade, o que explica que a sua evolução afecte as formas que regem esta performance. (DAYAN, 2009, p.27)

Entender que um ato terrorista tem lugar como mensagem é o primeiro passo para compreender a relação simbiótica da mídia e das ações terroristas. De certa forma, é possível entender que terrorismo e os telejornais possuem uma relação de simbiose. Para Lorenzo Gomis (2004, p. 110) “[...] os atentados que os terroristas produzem muitas vezes não tem como objetivo privar da vida um inimigo da organização, mas basicamente conseguir que o fato que provocam afete a opinião pública através da atenção que os meios lhes prestam”.

A violência seria o meio de propagar a mensagem do ato terrorista, mais do que o fim em si. Embora os fins de tais atos possam divergir – e grupos terroristas diferentes certamente têm objetivos diferentes – os pesquisadores sobre o assunto parecem concordar nesse aspecto. Como explica Mancini (2009, p.164), “desde o início que é evidente que a finalidade dos terroristas não é atacar indivíduos, mas visam um objectivo essencialmente simbólico: trata-se, graças aos *media*, de amplificar o impacto de seus actos.”

Luis Veres (2004) entende que “o terrorismo sempre tem a necessidade de que o resultado de suas ações apareça na primeira página do jornal, na primeira linha da informação, no primeiro plano da notícia de um telejornal” (2004, web, tradução minha)<sup>12</sup>. Ou seja, o principal objetivo do ato terrorista é se fazer visto. Quando Dayan (2009) coloca que a evolução das tecnologias midiáticas afeta a evolução desta violência, ele quer dizer que é necessário que o (grupo) terrorista acompanhe a velocidade frenética na qual a informação nos atinge nos dias de hoje, testando a capacidade de surpreender através do ato violento quando há olhos em todos os lugares.

Parece óbvio que tamanha violência a qual se expressa um ato terrorista é digna de ser noticiada quando analisada pelos critérios de noticiabilidade<sup>13</sup> já conhecidos da teoria jornalística. E também, que seria impossível, irreal e, talvez até mesmo antiético, não mostrar esta violência. O que é difícil de compreender é que o terrorismo é um dos poucos lugares de disrupção da realidade em que a violência é gerada necessariamente para ser noticiada, e quando noticiada, ganha legitimidade. Quando o jornalismo mostra o terrorista, o ato de terrorismo ou qualquer de suas significâncias, está jogando seu jogo: dando voz a quem não

---

<sup>12</sup> Documento eletrônico não paginado. No original: “El terrorismo siempre tiene la necesidad de que el resultado de sus acciones aparezca en la primera página del periódico, en la primera línea de la información, en el primer plano de la agenda de un telediario.”

<sup>13</sup> Para ver mais sobre o assunto, sugiro a sistematização de Moreira (2006).



tinha, mostrando que a violência gerou um resultado emocional – seja raiva, desprezo ou compaixão –, e dando a possibilidade de sua existência.

Os actos terroristas são acontecimentos expressivos, acontecimentos que não existiriam sem alguma forma de publicidade (é claro que, antes da generalização dos media, já havia formas de violência extrema, mas estas formas de violência são mais acções do que mensagens). Por outras palavras, o recurso à violência terrorista não consiste apenas em ferir e matar, mas também em significar. (DAYAN, 2009, p.21)

Dessa forma, quando pensamos na representação do terrorismo no telejornalismo, é necessário lembrar que, diferentemente de outras narrativas jornalísticas, não estamos apenas dando um sentido ao que acontece, mas também o legitimando. “E é triste pensar que a morte, o sequestro ou a tortura [...] produza algum instante de prazer aos agentes de tais ações e que os responsáveis, em parte, sejam os meios de comunicação.” (VERES, 2004, web, tradução minha)<sup>14</sup>

Gomis (2004) traz a possibilidade de que os meios não noticiem o terrorismo, a fim de que a propagação da ação perdesse grande parte de seu alcance. Ao mesmo tempo, ele alerta sobre os perigos de não informar a sociedade através dos noticiários: “[...] a sociedade deve conhecer o que se passa para reagir e controlar sua própria ação e que, se silenciassem os atos de terror, a sociedade ignoraria a realidade em que vive ou só a conheceria pela via ainda mais perigosa e incontrolável do rumor.” (GOMIS, 2004, p.110)

Quando o terrorismo é representado na televisão, há um clima de especulação e mistério que vai além dos simples fatos (GOMIS, 2004). O autor indica que este mistério circunda principalmente os personagens terroristas, “[...] esses seres misteriosos que se não fosse pela televisão não veríamos” (GOMIS, 2004, p.110). Entretanto, é possível argumentar que a própria televisão cria esse clima. Na grade televisiva, as catástrofes não são planejadas e a inserção que interrompe o fluxo de entretenimento ou de notícias, imprime maior valor simbólico para tais acontecimentos, potencializando a sensibilização do telespectador. Silverstone (2009, p.164) explica, “só as catástrofes podem interromper o fluxo e a ordem da representação mediática. Só as interrupções desta ordem e deste fluxo podem ser consideradas catástrofes”.

Mesmo que os fatos políticos relevantes, grandes comemorações e eventos esportivos também interrompam o fluxo de notícias, a ideia de Silverstone é mostrar que estes acontecimentos, em simbiose com a representação midiática, conferem sentido um ao outro: a

---

<sup>14</sup> Documento eletrônico não paginado. No original: “Y es triste pensar que la muerte, el secuestro o la tortura [...] produzca algún instante de placer a los agentes de tales acciones, y que los responsables, en parte, de ello sean los medios de comunicación.”

programação é interrompida por um evento importante, mas ao mesmo tempo, o evento é importante porque interrompe a programação.

No dia dos atentados em Paris, 13 de novembro de 2015, o Jornal Nacional derrubou as notícias do dia o Brasil do espelho e abriu espaço para a cobertura do ataques, mesmo ainda não tendo nenhum correspondente na França para cobrir os fatos. Durante a semana seguinte, após os correspondentes de deslocarem, as notícias dos ataques se tornam recorrentes, fornecendo mais informações e dando sentido às primeiras percepções.

### 3.3 A imagem simbólica do terror

Depois de verificar como se dá a construção das imagens sobre terrorismos – tanto do lado do terrorista, que usa a violência como mensagem, quanto do lado do jornalista, que se sente na obrigação de informar tais atos –, é compreensível que a divulgação do terrorismo nos meios de comunicação crie uma gama de imagens com poder simbólico.

Imagem-sintoma é uma imagem “já vista” (CHARAUDEAU, 2009, p.73), ou seja, uma imagem que remete a outras imagens – sejam elas semelhantes na forma ou no discurso, capaz de invocar instantaneamente sentidos anteriores.

Utilizando este termo, Charaudeau entende que qualquer imagem tem a possibilidade de evocação variável “que depende de quem a recebe, já que se interpreta em relação com as outras imagens e relatos que cada pessoa mobiliza” (CHARAUDEAU, 2009, p. 73). A partir desse entendimento, acredito que seja possível realizar um paralelo desta imagem-sintoma com que as Teorias do Imaginário chamam de “imagem simbólica” (DURAND, 1988).

[...] para que uma imagem tenha efeito sintomático, é preciso que seja dotada de uma forte *carga semântica*, que seja *simples* e que tenha uma certa *recorrência* de aparição tanto na história como no presente. Todas as imagens têm sentido, mas nem todas têm necessariamente um efeito sintoma. [...] A imagem deve remeter para imaginários profundos da vida. Deve ser também uma imagem simples, reduzida a alguns traços dominantes. (CHARAUDEAU, 2009, p.73, grifos do autor)

Se as imagens devem ter uma origem com traços dominantes, não é difícil lembrar-se dos arquétipos trazidos por Durand (1997) e Jung (1971). Assim como os arquétipos sustentam nosso inconsciente coletivo, que por sua vez ajuda na produção de imagens simbólicas, a imagem-sintoma de Charaudeau se baseia em características “já vistas”, identificadas pela humanidade.

Esta “visão”, entretanto, não é referenciada como nosso sistema tradicional de compreender imagens visuais, mas sim, remete à característica do inconsciente de achar semelhança em imagens que nunca foram vistas literalmente. Semelhanças, porque lembram

arquétipos antigos que estão imbricados em nosso inconsciente através da experiência humana como história mais do que individualmente.

O valor dito “referencial” da imagem-sintoma é condicionado pelo fato de uma construção que depende de um jogo de intertextualidade<sup>15</sup> que lhe confere uma significação plural e, jamais única (CHARAUDEAU, 2009); da mesma forma que as imagens são simbólicas de maneiras diferentes para cada interlocutor, dependendo do inconsciente coletivo, mas também de suas vivências pessoais. Para ter maior ou menor poder sintomático, uma imagem precisa cumprir certas características:

Enquanto que as imagens de dominante icônica constroem uma ‘visão’ do mundo não marcada, que favorece a ‘transparência’, na medida em que não pressupõem qualquer presença humana atrás da câmara, as imagens de dominante indicial testemunham um olhar e, por isso, uma identificação antropomórfica, uma visão a altura do homem, que nos torna imediatamente visível a violência que o Outro é vítima. (JOST, 2009, p.99)

Adiantando análise sobre os atentados de Paris em novembro de 2015, que farei no capítulo a seguir, essa premissa de Jost remete às imagens gravadas pelo jornalista do Le Monde, Daniel Psenny, que filmou o ataque na boate Bataclan da janela de seu apartamento através do celular (diferentemente das outras imagens gravadas diretamente pelos mídia). Nas imagens não se enxergava dentro do estabelecimento, apenas pessoas tentando fugir pela janela. Deixando transparecer a pessoa por trás da câmera, a gravação é uma das imagens que evoca violência, mesmo que esta não seja necessariamente visível.

Seguindo esta lógica, é possível podemos entender porque futuramente a gravação de Daniel Psenny vai ser repetida incansavelmente, sendo selecionada cuidadosamente pelos mídia para marcar o momento do ataque terrorista e evocar sentidos simbólicos. Esta cena, em conjunto com algumas outras, será repetida em exaustão e servirá de exemplo para futuros acontecimentos como este, servindo como imagem modelo para o que é ou não é “violento de mais” para se passar na televisão. Assim, como outros eventos históricos de mesma ordem, como o simbólico 11 de setembro de 2001, no ataque às Torres Gêmeas e ao Pentágono, que distribuiu repetidamente a foto de fumaça saindo das torres, em que, não por acaso, não há uma pessoa representada, mas, ainda assim, se constituiu como imagem simbólica para muitos de nós.

Para encontrar receitas sobre a arte de utilizar as fotografias face a um trauma, podemos então recorrer a acontecimentos passados. Por vezes é possível comparar acontecimentos diferentes, desde que o seu modelo de representação visual possa ser visto como idêntico. [...] O antecedente histórico torna-se um modelo pedagógico,

---

<sup>15</sup> Nesse sentido indicando a bagagem, não só textual, do interlocutor (espectador, ouvinte ou leitor) que pode diferenciar sua interpretação ao de outro interlocutor.

ou seja, um precedente. Demonstra que a fotografia pode fazer evoluir o sentimento colectivo, ajudar a passar do estado de choque e de horror para um estado pós-traumático orientado para a ação. (ZELIZER, 2009, p. 198)

Além de criar modelos em cada novo ataque terrorista, o próprio 11 de setembro, tendo como sua imagem mais lembrada uma em que não aparecem pessoas abre precedente para que imagens semelhantes – em que a violência se mostra nos bens e edifícios – apareçam.

Entretanto, este paradigma vem se transformando, como com a recente divulgação da gravação de um menino sírio, sujo de destroços e sangrando, olhando catatônico para o infinito, resgatado de um bombardeio<sup>16</sup>.

### 3.4 O reconhecimento do outro

Outra característica a ser destacada quando lidamos com atos violentos é a classificação automática de “nós” e os “outros”. Não só no terrorismo, mas nas guerras, existe muito frequentemente esta diferenciação. Esta divisão é uma resposta tanto individual quanto política, demonstrando uma incapacidade de admitir que tanto aqueles que sofrem, quanto os que fazem sofrer, são como nós, mas também diferentes de nós (SILVERSTONE, 2009). Quando reconhecemos o outro como semelhante a nós, podemos julgá-lo segundo nossa cultura e nossas regras morais e, ao mesmo tempo, se reconhecemos o Outro como diferente, deveríamos aceitar que existem aspectos dele e de sua cultura que nunca compreenderemos.

As narrativas dominantes dos *media* ocidentais tendem a rejeitar esta aceitação da diferença. Ou os outros são considerados de tal modo semelhantes a nós que não podemos distinguí-los, ou tão diferentes que os consideramos menos que humanos. Por um lado, a incorporação; por outro, a aniquilação, tanto literal quanto simbólica. (SILVERSTONE, 2009, p.170)

Berger e Luckmann (1985) compreendem que há a apreensão do outro através de “esquemas tipificadores” (p.49) que afetam as interações humanas e são suscetíveis a interferências. Tipificar, referenciando pessoas, significa classificar o outro através de uma característica – gênero, idade, nacionalidade, por exemplo –, e assim inferir e interpretar ações através desta tipificação. Como os autores explicam:

Se tipificar meu amigo Henry como membro da categoria X (por exemplo, como inglês), interpreto *ipso facto* pelo menos certos aspectos de sua conduta como resultantes desta tipificação, assim, seus gostos em matéria de comida são típicos dos

---

<sup>16</sup> A gravação mostra um menino com cerca de 5 anos sendo carregado para uma ambulância após um bombardeio em Aleppo, na Síria. O vídeo pode ser conferido no link: <<https://www.theguardian.com/world/2016/aug/18/boy-in-the-ambulance-image-emerges-syrian-child-aleppo-rubble>>. Acesso em 05 set. 2016.

ingleses bem como suas maneiras, algumas de suas reações emocionais, etc. (BERGER, LUCKMANN; 1985, p.50)

Conforme varia o grau de anonimato em relação ao outro a quem me refiro, mais a tipificação é necessária para que possamos construir uma imagem do outro. A partir das interações face a face, as tipificações vão deixando de acontecer na medida em que as experiências vão “preenchendo” minha percepção do outro. O contrário também é verdade: “A realidade social da vida cotidiana é portanto apreendida num contínuo de tipificações, que se vão tornando progressivamente anônimas à medida que se distanciam do ‘aqui e agora’ da situação face a face” (BERGER, LUCKMANN, 1985, p.52).

Desta forma, quando falamos de comunidades inteiras, não é difícil conceber que os nossos preconceitos e estereótipos sejam acionados no momento em que é realizada esta tipificação. E, conforme a construção da imagem do terrorista pelas narrativas jornalísticas, é possível que etnias e povos específicos sejam tipificados e categorizados como terroristas.

Para análise deste trabalho, em que acredito haver uma grande evidência para os personagens árabes, é necessário entender como o Ocidente “cria” o Oriente (SAID, 2009). Os conquistadores e políticos europeus foram construindo sua visão sobre o Oriente durante a era colonial, trazendo a tona estereótipos e preconceitos que são perpetuados até hoje.

Muitos termos foram usados para expressar a relação. [...] O oriental é irracional, depravado, infantil, “diferente”; o europeu é racional, virtuoso, maduro, “normal”. Mas o modo de estimular a relação em toda parte era enfatizar o fato de que o oriental vivia num mundo próprio totalmente organizado, mas diferente, um mundo com suas próprias fronteiras nacionais, culturais e epistemológicas e seus princípios de coerência interna. Mas o que dava ao mundo dos orientais sua inteligibilidade e identidade não era o resultado de seus próprios esforços, mas antes toda a complexa série de manipulações sagazes pelas quais o Oriente era identificado pelo Ocidente. [...] O conhecimento do [Ocidente sobre o] Oriente, porque gerado pela força *cria* num certo sentido o Oriente, o oriental e o seu mundo. (SAID, 2009, p.73)

Segundo Said (2009), o conceito de Oriente não é estável. Aquele que se intitula “Orientalista” pode versar e estudar sobre uma gama muito diversa de culturas. Para o historiador, isso significa que incontáveis sedimentos da história, variedades de pessoas, linguagens, experiências e culturas são postas de lado ou ignoradas, relegadas a serem pequenos fragmentos de uma dimensão maior do *Oriente*. Esta percepção serve para mostrar como muitos dos “outros”, quando citados na história da humanidade, se encontram na outra metade da Terra, e não raramente são misturados, mesclados como “uma coisa só”, ou como alguém que “não somos nós”, embasando a teoria de Silverstone (2009) de que o destino simbólico destas pessoas é a incorporação ou a aniquilação.

Said (2009), explica que após o 11 de setembro de 2001, houve uma retomada da visão do oriental como uma ameaça, como existia anteriormente ao século XVIII. Neste

período histórico, as concepções sobre o Oriente vinham impregnadas de referências aos “ameaçadores” árabes, islâmicos e otomanos, especialmente por causa das conquistas militares da época. Foi o surgimento de pesquisas científicas relacionadas à cultura que foi, aos poucos, transformando estes estereótipos, e construindo a imagem da grandeza clássica Oriental.

Entretanto, no final do século XX e início do século XXI, questões como a dominação do petróleo e, posteriormente o atentado terrorista de 11 de setembro (que como já sinalizado se tornou símbolo de como é um ataque terrorista), fizeram com que os países ocidentais retomassem sua vigilância ao Oriente e faz ressurgir estes preconceitos antigos de Orientais “brutos e ameaçadores”. Hoje, acrescento, são estereotipados como seguidores do islamismo, de barba longa, vestindo *keffiyeh*, o véu islâmico masculino.

## 4. OS SENTIDOS CONSTRUÍDOS PELO JORNAL NACIONAL SOBRE PARIS EM NOVEMBRO DE 2015

### 4.1 Metodologia

Compreendendo o jornalismo como um lugar de circulação e produção de sentidos, selecionei a Análise do Discurso (AD) de linha francesa para analisar o *corpus* de pesquisa. A AD tem como objeto o discurso e leva em consideração as relações entre sujeito e sentido, entendendo que ao significar, o sujeito “se significa” (ORLANDI, 1994, p.55)

A Análise do Discurso considera que para que haja uma leitura<sup>17</sup> do discurso, o sujeito leitor deve estar de acordo com as estruturas que o compõem. “O texto é a parte visível ou material de um processo altamente complexo que inicia *em outro lugar*: na sociedade, na cultura, na ideologia, no imaginário.” (BENETTI, 2010, p.111, grifo da autora).

Enquanto existe esta camada visível, que podemos também denominar como discursiva, onde se encontra o texto que se vê, ouve e lê, existe esta outra camada considerada *anterior*. O Imaginário é conceituado como este “algo anterior” (BENETTI, 2008, p.19), no sentido de que, como foi dito no capítulo antecedente, o Imaginário, segundo as teorias arquetipológicas, contém o nosso repertório através da tensão entre nossas pulsões e coerções (DURAND, 1997). O Imaginário é necessário para produzir a troca de papéis, a reversibilidade entre interlocutores, essencial para que haja discurso.

Não é necessário que a troca de papéis seja efetiva ou concretamente possível, mas é necessário que ela possa ser imaginada. Ou melhor: é necessário que os dois sujeitos envolvidos no processo possam compreender a posição de sujeito do outro, além de sua própria. (BENETTI, 2008, p. 19)

Semelhante à função do imaginário, a ideologia, no contexto da Análise do Discurso, “representa uma relação imaginária dos indivíduos com sua existência, que se concretiza materialmente em aparelhos e práticas” (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU; 2004, p.247) A ideologia, assim como o imaginário, está ligada ao inconsciente na transformação dos indivíduos em sujeitos. Benetti (2010), contudo, explica que o termo “ideologia” se mantém aqui devido ao vínculo que se apresenta na AD entre ideologia e motivação externa ao texto, entretanto, chama atenção para o fato de que, com base no pensamento de Durand (1997) o imaginário é considerado “anterior” à ideologia. Para fins de metodologia e análise “basta compreender que algo externo e anterior determina a ação do

---

<sup>17</sup> Aqui “leitura” não significa apenas o ato de ler um texto escrito, mas de decodificar sentidos de forma geral, sejam eles visuais, auditivos, abstratos, etc.

discurso” (BENETTI, 2010, p.111). Desta forma, o primeiro passo para a análise é compreender a existência de duas camadas: a discursiva, que comporta o texto, e a que chamamos de ideológica, que comporta tanto na ideia de ideologia, quanto de imaginário, este “algo anterior”.

É possível considerar o discurso como “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 1994, p.53) e a linguagem como constituinte do sujeito e produtora de sentidos. O fato de o discurso ser construído entre sujeitos exige compreendê-lo como histórico e subordinado aos enquadramentos sociais e culturais (BENETTI, 2010). A AD considera que não existe apenas um sentido para uma palavra, mas que também não é possível estabelecer “qualquer sentido” para uma palavra, já que há uma determinação histórica do sentido.

Isto quer dizer que o discurso supõe um sistema significante, mas supõe também a relação deste sistema com sua exterioridade já que sem história não há sentido, ou seja, é a inscrição da história na língua que faz com que ela signifique. Daí os efeitos entre locutores. E, em contrapartida, a dimensão simbólica dos fatos. (ORLANDI, 1994, p.53)

A partir do reconhecimento dessa exterioridade no discurso, fica mais fácil compreender a relação do sujeito com a interpretação: “[...] diante de qualquer objeto simbólico ‘x’ somos instados a interpretar o que ‘x’ quer dizer. Nesse movimento da interpretação, aparece-nos como conteúdo já-lá, como evidência, o sentido desse ‘x’” (ORLANDI, 1994, p.56-57). A este espaço da constituição de sentidos é dado o nome de interdiscurso. O interdiscurso são esses conjuntos de formulações feitas e esquecidas que determinam os sentidos do que dizemos (ORLANDI, 2015).

Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. E isto é efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. (ORLANDI, 2015, p.31-32)

Essas condições de interpretação moldadas pelo interdiscurso como memória aparecem diversas vezes como universais e eternas (ORLANDI, 1994, p.57), sendo que são, na verdade, construídas através da história. Ou seja, não existe relação direta entre linguagem e mundo, sendo necessária a interpretação desses sentidos. Orlandi (1994), entretanto, chama atenção para o fato de que o imaginário pode fazer com que essa relação pareça direta, natural:

A relação não é direta mas funciona como se fosse, por causa do imaginário. Ou, como diz Sercovich (1977), a dimensão imaginária de um discurso é sua capacidade para a remissão de forma direta à realidade. Daí seu efeito de evidência, sua ilusão referencial. Por outro lado, a transformação do signo em imagem resulta justamente da perda do seu significado, do seu apagamento enquanto unidade cultural ou histórica, o que produz sua “transparência”. Dito de outra forma, se se tira a história, a palavra vira imagem pura. Essa relação com a história mostra a eficácia do imaginário, capaz de determinar transformações nas relações sociais e de constituir



práticas. Mas, em seu funcionamento ideológico, as palavras se apresentam com sua transparência que poderíamos atravessar para atingir seus "conteúdos". (ORLANDI, 1994, p.57)

Para a identificação de sentidos segundo esta metodologia também são relevantes dois outros conceitos: a *paráfrase* e a *polissemia*. A paráfrase é a reiteração do mesmo sentido, ou seja, as várias maneiras de produzir o mesmo sentido, enquanto a polissemia é o que rompe com os processos de significação, é a “simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico” (ORLANDI, 2015, p.36)

Tendo essas percepções em mente, é possível compreender que o dizer não é propriedade de só uma pessoa, e que significam de outras maneiras. É por isso que Eni Orlandi (2015) explica que nem mesmo o sujeito compreende por completo o que diz.

O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. Por isso é inútil, do ponto de vista discursivo, perguntar para o sujeito o que ele quis dizer com “x”. [...] O que ele sabe não é suficiente para compreendermos que efeitos e sentidos estão ali presentificados. (2015, p.30)

Assim, o pesquisador que utiliza a AD começa a análise a partir do texto, identificando formações discursivas (FDs). “Consideramos que uma FD é uma espécie de *região de sentidos*, circunscrita por um limite interpretativo que exclui o que invalidaria aquele sentido” (BENETTI, 2010, p.112).

A Análise do Discurso considera que as palavras não possuem sentidos nelas mesmas, derivando seus sentidos das FDs nas quais se inscrevem (ORLANDI, 2015). Ao mesmo tempo, as FDs são inseparáveis do interdiscurso, uma vez que é este que constitui “os objetos e a coerência dos enunciados que se provêm de uma formação discursiva” (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU; 2004, p. 241).

As formações discursivas podem ser vistas como regionalizações do interdiscurso, configurações específicas dos discursos em suas relações. O interdiscurso disponibiliza dizeres, determinando, pelo já-dito, aquilo que constitui uma formação discursiva em relação a outra. Dizer que a palavra significa em relação a outras, é afirmar essa articulação de formações discursivas dominadas pelo interdiscurso em sua objetividade material contraditória (ORLANDI, 2015, p.41)

É dessa forma que, na pesquisa em jornalismo, o sentido das formações discursivas surge quando a mesma ideia aparece em momentos e espaços diferentes do *corpus* de análise.

## 4.2 *Corpus*

Em busca da resposta ao meu problema de pesquisa, “como o Jornal Nacional constrói sentidos sobre o terrorismo e o terrorista nas matérias sobre os atentados de Paris, em

novembro de 2015?” realizei o levantamento das transmissões do telejornal durante nove dias após os atentados terroristas que ocorreram em Paris no dia 13 de novembro de 2015. Durante este período, o JN dedicou grande parte de seu espelho a notícias envolvendo a França e atentados terroristas de forma geral. E, a partir do que é disponibilizado na Globo Play<sup>18</sup>, me detive às matérias que fizessem referência ao ocorrido em Paris no dia 13 de novembro.

Criado por Armando Nogueira, o Jornal Nacional foi exibido pela primeira vez no dia 1º de setembro de 1969 com apresentação de Cid Moreira e Hilton Gomes. Atualmente, desde outubro de 2014, o JN é apresentado por Renata Vasconcellos e William Bonner – que compõe a bancada desde 1996 e é atual editor-chefe do telejornal (TV GLOBO, 2004). O Jornal Nacional foi selecionado primeiramente por ser considerado noticiário de referência no Brasil, de maneira que os telejornais de outras emissoras muitas vezes copiam e se baseiam em seu formato. É, também, o noticiário de maior repercussão política no país. Tratando-se de uma análise em que as notícias internacionais e a possibilidade de deslocamento de jornalistas se apresenta relevante, também foi levado em consideração a capacidade técnica e financeira do JN, e da Rede Globo como um todo, de produzir telejornalismo.

O período de nove dias, da sexta-feira 13 de novembro, ao sábado 21 de novembro, foi determinado porque na semana seguinte, a partir da segunda-feira 23 de novembro, as notícias que referenciam Paris começam a se esvaír, e a editoria internacional começa a abordar acontecimentos em outros países, sendo alguns também considerados terrorismo e outros não – conforme é possível identificar também na relação de matérias apresentada.

Devido a limitação técnica de acesso aos jornais, tomei a decisão de analisar as matérias individualmente, sem considerar o telejornal no todo. Apesar de parecer extensa, essa relação se encontra de acordo com as recomendações àqueles que utilizam a Análise do Discurso como metodologia, como explica Benetti (2010, p.121): “[...] sugerimos que os pesquisadores [...] escolham uma amostragem considerável de textos, capaz de ser representativa do funcionamento de um tipo de discurso em um período determinado”.

Ao todo, selecionei 57 matérias, gerando 78 sequências discursivas. Como algumas podem se enquadrar em mais de uma formação discursiva, é possível considerar que 44 destas se encaixam majoritariamente na FD que chamei de “Trauma”; 22 se encaixam na FD “Superbandidos”; e 12 na categoria “Culpabilidade”. As sequências discursivas serão

---

<sup>18</sup> Os telejornais da Globo ficam arquivados na íntegra apenas nos primeiros seis meses após a exibição. Depois desse período, apenas algumas reportagens são disponibilizadas. Em alguns casos, a cabeça ou o pé pode não estar completos.

apresentadas durante com recuo de 4 centímetros, corpo de fonte 10 e espaçamento de 1,15, para que se diferenciem das citações. Selecionei as SDs que mais se destacam, não utilizando todas as identificadas. Para melhor entendimento, trago o nome dos repórteres (R), apresentadores (A) ou entrevistados (E) no início da sequência discursiva e, em negrito, sinalizo as expressões e palavras que contêm o núcleo de sentido da sequência. Algumas falas reproduziram a coloquialidade típica da conversação nos telejornais.

A seguir, apresento a relação das 57 matérias selecionadas, utilizando os títulos indicados na página da Globo Play:

Tabela 1: *Corpus* da pesquisa

<b>Dia</b>	<b>Matéria</b>	<b>Duração</b>
13/11	Atiradores deixam pelo menos 40 mortos em pontos diferentes de Paris	2'46"
13/11	Número de mortos em Paris já passa de 60	3'46"
13/11	Presidente francês confirma que os tiroteios e explosões foram ataques terroristas	6'24"
13/11	Obama oferece ajuda ao governo francês nas investigações do atentado	1'59"
13/11	Policia francêsa afirma que atentados desta sexta (13) foram muito piores do que janeiro	2'58"
13/11	Alguns refêns começam a ser liberados em boate, alvo de atentado, em Paris	0'58"
14/11	Explosão perto do Stade de France iniciou série de ataques em Paris	5'17"
14/11	Terroristas do Bataclan falavam Árabe e Francês, segundo sobreviventes	4'54"
14/11	Três brasileiros estão entre os feridos nos ataques em Paris	3'51"
14/11	Estado Islâmico diz que os ataques em Paris foram os primeiros de uma série	4'50"
14/11	Parentes de brasileiros na França contam os momentos de desespero por notícias	2'30"
14/11	Países traumatizados com atentados terroristas redobram a atenção	2'43"
14/11	Líderes europeus demonstram solidariedade após ataques em	2'55"

	Paris	
14/11	Obama convoca Conselho de Segurança Nacional para discutir atentado em Paris	2'49"
14/11	Turquia isola área para reuniões do G-20 após ataques terroristas	3'06"
14/11	Relembre os atentados terroristas mais graves em países democráticos	3'32"
14/11	Paris já tinha sofrido com atentado em 2015; relembre o ataque a jornal	2'44"
14/11	Grupo terrorista Estado Islâmico choca o mundo com crimes bárbaros	3'27"
14/11	Paris amanhece em estado de choque depois de sexta-feira sangrenta	3'58"
14/11	Maiores cidades brasileiras manifestam solidariedade aos franceses	0'38"
14/11	Americanos fazem homenagem em solidariedade a Paris	1'25"
14/11	JN presta homenagem às vítimas do atentado em Paris	1'31"
16/11	Terroristas que mataram mais de 120 pessoas em Paris são identificados	5'46"
16/11	Promotores investigam se terrorista entrou na Europa como refugiado	2'21"
16/11	François Hollande declara que França está em guerra	5'53"
16/11	Líderes do G-20 prometem mais cooperação contra o terrorismo	3'06"
16/11	Egito afirma que matou 24 integrantes do Estado Islâmico	0'30"
16/11	Estado Islâmico faz agora ameaças contra a capital americana	2'20"
16/11	Franceses prestam um minuto de silêncio em homenagem às vítimas	5'31"
16/11	Torre Eiffel recebe as três cores da bandeira da França	4'22"
16/11	Polícia francesa intensifica procura por suspeitos	1'37"
17/11	Forças da França e da Rússia intensificam bombardeios na Síria	4'18"
17/11	Encontrado mais um carro que pode ter sido usado por terroristas em Paris	4'02"
17/11	Muçulmanos que vivem na França temem agravamento da discriminação	3'58"

17/11	Paris recebe proteção de mais de 115 mil agentes de segurança	2'45''
17/11	Medo de novos ataques cancela amistosos de futebol na Europa	3'01''
18/11	Operação contra terroristas na França termina com dois mortos	4'09''
18/11	Forças de segurança invadem apartamento nos arredores de Paris	2'14''
18/11	François Hollande pede que líderes mundiais formem coalizão contra Estado Islâmico	3'19''
18/11	Estado Islâmico usa divisões entre muçulmanos para conquistar adeptos	2'22''
18/11	Especialistas questionam estratégia americana contra o Estado Islâmico	2'51''
18/11	Estado Islâmico diz que derrubou avião no Egito com explosivos em uma latinha	2'18''
18/11	Professor de escola judaica é esfaqueado em Marselha, na França	2'42''
19/11	França confirma que Abaaoud foi morto pelas forças de segurança	1'58''
19/11	Polícia belga faz operação em bairro onde cresceu terrorista	0'52''
19/11	Vídeo mostra momento de ataque terrorista a restaurante em Paris	1'49''
19/11	Grávida que ficou pendurada na janela em Paris está bem	0'41''
19/11	Polícia americana aumenta vigilância em NY com medo de atentado	1'19''
20/11	Extremistas invadem hotel no Mali; ação termina com mais de 20 mortos	2'13''
20/11	Autoridades confirmam a morte de outro terrorista na operação de Paris	3'50''
20/11	Dono de restaurante frequentado por irmãos terroristas na Bélgica fala ao JN	2'48''
20/11	Imagem mostra atendimento médico na noite do atentado em Paris	0'19''
20/11	União Europeia decide reforçar o controle das fronteiras após ataques	2'10''
20/11	Governo italiano aumenta nível do alerta contra ataques	1'33''
20/11	Ataques terroristas alimentam polêmicas entre pré-candidatos nos EUA	2'11''
21/11	Capital da Bélgica entra em alerta máximo contra o terrorismo	2'46''

21/11	Forças de segurança procuram suspeitos de atentado que matou 19 pessoas no Mali	2'00''
-------	---	--------

### 4.3 Os sentidos construídos sobre terrorista e terrorismo

#### 4.3.1 FD1: Trauma

Pode se considerar que qualquer tragédia, especialmente a nível nacional, emocione e traumatize os cidadãos de um país. Contudo, a formação discursiva abordada aqui indica diversas vezes que a França é um país traumatizado pelo terrorismo, sendo a FD mais reiterada no Jornal Nacional durante a semana do dia 13 a 21 de novembro de 2015. Dentre as diversas maneiras de expressar esse sentido, aparecem muitos repórteres e apresentadores falando diretamente em trauma:

[R: Pedro Vedova] Diante de tantas aflições, um grupo especial se destaca: o governo francês enviou psicólogos para cuidar desses **novos traumas**.

[A: Renata] **Países traumatizados com atentados terroristas** tiveram que redobrar a atenção, por exemplo, as Filipinas.

[R: Kovalick] E a gente vai continuar acompanhando aqui e trazendo essas informações de um ataque, ou seja, uma coisa muito grave, muito séria, ainda mais depois daqueles ataques do começo do ano ao Charlie Hebdo, ao supermercado judeu. Ou seja, **Paris é uma cidade traumatizada**, a França é **um país traumatizado pelos ataques terroristas**.

A todo o momento as reportagens evocam os acontecimentos de janeiro de 2015, que foram o tiroteio no jornal satírico Charlie Hebdo e um ataque a um supermercado judeu, como o repórter Roberto Kovalick sinaliza nesta última SD. Esta fala de Kovalick acontece ainda no dia 13 de novembro, enquanto ataques ainda estão se desenrolando<sup>19</sup>, um forte interdiscurso que abre precedente para que as próximas reportagens abordem as relações dos parisienses com os atentados. As sequências discursivas não falam somente da França, referindo-se principalmente a países que já sofreram ataques terroristas, entretanto, o sentido que fica é que Paris é uma cidade especialmente traumatizada por ter sofrido mais de um ataque terrorista no mesmo ano.

[A: Bonner] São **sinais de um povo obviamente traumatizado pelo atentado de janeiro e agora de novo, por esse atentado**.

<sup>19</sup> Neste momento da transmissão, os ataques a tiros e bombas nas ruas já terminaram, mas ainda existem reféns aprisionados dentro da casa de espetáculos Bataclan, o que causa ainda mais dúvida sobre as informações que chegam.

[A: Renata] Na França, **2015 já começou com sangue derramado por um ataque terrorista.**

[R: Kovalick] **O que causa também muito pavor, muito medo, é que essas áreas de Paris são perto da Praça da República, e a gente lembra dos ataques lá do Charlie Hebdo e ao supermercado judeu, a sede do Charlie Hebdo ficava ao lado dessa praça, ou seja é um lugar também, uma área, muito simbólica de Paris, o que provoca ainda mais medo. A situação dos parisienses nesse momento é de absoluto terror, a cidade está um caos, a gente vê as imagens, polícia por todo o lado, a polícia fortemente armada e ainda com uma situação em desenvolvimento, ou seja, cem reféns dentro de uma casa de espetáculo.**

Enquanto há comparações diretas, evocando os atentados de janeiro, também há a tentativa de diferenciar o comportamento dos parisienses em relação aos dois acontecimentos. Segundo os repórteres Pedro Vedova e Roberto Kovalick, a reação dos cidadãos em novembro foi muito mais passiva do que reativa, ao contrário de janeiro.

[R: Pedro Vedova] A todo momento há um tipo de denúncia e a polícia vai conferir. Teve um episódio que foi muito é... claro disso, quando dezenas de homens armados invadiram um hotel perto da Torre Eiffel e conferiram que não havia nada por ali. Ou seja, **o povo francês tá de fato muito mexido, mas um pouco recolhido, diferente daquele janeiro.**

[R: Kovalick] Nessas mesmas ruas, **milhões de franceses marcharam em janeiro pela liberdade e pela democracia.**

Esse sentido também reitera a ideia de trauma, considerando que, por ter acontecido uma segunda vez, no mesmo ano e no mesmo lugar, os parisienses não tenham a força de reação que tiveram anteriormente.

E assim como os atentados de janeiro de 2015 em Paris são evocados, outros atentados pelo mundo também são. A busca por estas referências ajuda ao jornalista e ao espectador a construir a imagem do que aconteceu na França a partir daquilo que ele já testemunhou e tem guardado no Imaginário. A cidade que mais se destaca nesta formação discursiva depois de Paris é Nova Iorque:

[A: Bonner] A gente tá **falando aqui** [sobre a situação de Paris], Fábio, de **traumas de atentados, Nova Iorque é uma cidade traumatizada desde 2001 com o maior atentado da história.**

[R: Sandra Coutinho] Aqui nos Estados Unidos, **um país que foi alvo dos maiores atentados da história, qualquer ataque terrorista, em qualquer lugar do mundo é uma preocupação enorme, vocês podem imaginar.**

[R: Jorge Pontual] No World Trade Center, **onde ficavam as Torres Gêmeas, a nova torre foi iluminada com as cores da bandeira francesa, que são também as da bandeira americana. *Bleu, blanc, rouge*: azul, branco e vermelho.**

Quando se fala em ataques em outras partes do mundo, o tom utilizado pelos repórteres, principalmente, é muito emotivo. O uso de palavras em Francês, imagens de memoriais e depoimentos de imigrantes franceses em outros países são recorrentes, a exemplo de *bleu, blanc e rouge* que Jorge Pontual utiliza para descrever a iluminação em Nova Iorque. Estes elementos ajudam a criar o sentido de que existe empatia entre os países – personificando governos e cidadãos em suas nacionalidades. Uma das SDs que, acredito, mais desperta esse sentimento é o *off* de Cecília Malan no dia 17 de novembro, que narra as imagens de um jogo de futebol em Londres, onde ambas as torcidas cantam o hino francês:

[R: Cecília Malan] Aos gritos de *marchons, marchons*, **Londres disse a Paris: estamos juntos, unidos na dor e na esperança.**

O sentido que aparece é uma conexão entre os países que sofreram atentados terroristas, como os próprios franceses não deixam os londrinos esquecer:

[R: Cecília Malan] No início da noite **cidadãos franceses que moram em Londres se reuniram na Trafalgar Square. Um ato de solidariedade com os compatriotas. O segundo de 2015.**

Além de Nova Iorque e Londres, os jornalistas relembram atentados terroristas em Madrid e até mesmo em Ankara, na Turquia:

[A: Bonner] Aquela região é **de acesso direto de metrô**. Agora se imagine, você tá assistindo um jogo de futebol no estádio, ouve-se uma explosão como aquela, **chegam as notícias de atentados e de mortes na cidade**. Como é que você vai tranquilamente deixar o estádio e pegar um trem do metrô para voltar para a sua casa? Ninguém vai querer pegar metrô numa situação como essa, o metrô se torna um lugar de alto risco pra todo mundo, né. **O terror já atacou o metrô em cidades grandes como Madri, Londres<sup>20</sup>.**

[R: Cecília Malan] A tragédia na capital francesa **reviveu memórias dolorosas para os espanhóis**. Em 2004, **Madri<sup>21</sup> sofreu com uma série de explosões na rede ferroviária**. 191 pessoas morreram no **pioior ataque terrorista da história da Europa Ocidental**.

---

<sup>20</sup> Em 7 de julho de 2005, explosões simultâneas atingiram o sistema de transporte público de Londres, matando 52 pessoas.

<sup>21</sup> Em 11 de março de 2004, em atentados que depois ficaram conhecidos com 11-M, explosões simultâneas aconteceram no sistema de trens suburbanos de Madrid. Como explica a repórter Cecília Malan, 191 pessoas morreram.



[R: Rodrigo Alvarez] Foram tantos os momentos de perplexidade nas últimas semanas que já fica parecendo distante o dia em que **dois terroristas suicidas do Estado Islâmico mataram mais de 100 pessoas em uma manifestação em Ankara, a capital da Turquia**. Foi há pouco mais de um mês, no dia 10 de outubro, que os turcos sentiram **uma dor muito parecida com a dos franceses, que também pra eles foi o maior atentado da história do país**.

Inclusive, no dia 14 de novembro, o sábado subsequente aos ataques, o Jornal Nacional exhibe uma matéria especialmente para relembrar estes atentados, intitulada de “Relembre os atentados terroristas mais graves em países democráticos”.

O sentido de empatia que aparece nestas comparações entre os países, é evocado também pelos jornalistas. Conforme o repórter João Roberto Burnier, contou ao JN sobre a cobertura dos atentados:

[R: Burnier] **Em 32 anos de carreira, foi uma das entradas ao vivo mais impactantes que eu já fiz**.

Por fim, vai se construindo o sentido de que estes ataques do dia 13 de novembro serão também lembrados da próxima vez que um ataque desta magnitude ocorrer. Os atentados da França “entraram para a história”:

[A: Bonner] **Obviamente é uma sexta-feira que vai entrar para a história como um dia em que a capital da França foi atacada duramente pelo terror**. Isso precisa ser dito com todas as letras.

[R: Kovalick] São restos de **uma das noites mais trágicas da história da França**.

O sentido de *trauma* traz duas reações do povo francês, conforme contadas pelos jornalistas: primeiro o trauma imobiliza, se transforma em luto e nada mais acontece na cidade:

[R: Kovalick] O jogo continuou para **evitar pânico**, mas assim que terminou esse jogo, os espectadores **ficaram com medo de sair**, e foram para o gramado aguardar orientações da polícia.

[R: Cecília Malan] Enquanto **a França conta e chora seus mortos**, a Europa se protege.

[R: Pedro Vedova] O símbolo da França calado. A Torre Eiffel, museus, **pontos turísticos se fecharam em luto**. **Não houve um minuto, mas um dia inteiro de silêncio**. **A Paris dos cafés e bares acordava quieta**.

Segundo, já mais adiante no tempo também, o trauma causa revolta e faz os franceses quererem mostrar que não vão se render ao terror e vão retomar o “estilo de vida” francês:

[R: Pedro Vedova] E quando as pessoas assim de tão perto, confrontavam a barbárie, aparecia tristeza. **Uma inconsolável dor. Mas a mensagem do francês diante do cale-se é que o país vai se reerguer.**

[R: Scamparini] Um movimento **convoca os parisienses a homenagear os mortos retomando o estilo de vida da cidade**, chamando para a volta aos bares e restaurantes, **para mostrar que o medo não prevaleceu.**

Até mesmo se isto significar ter que desobedecer ordens oficiais:

[R: Pedro Vedova] Eles construíram rapidamente esse mural, e mostra uma importância muito grande, **uma resposta do povo francês**, sobretudo num dia que o Primeiro Ministro fala que o povo tem que ficar preparado, que **outros ataques podem acontecer, e que é preciso conviver com esse tipo de ameaça muito tempo.** Então **você vê o francês deixando de lado esse instinto de preservação e indo para as ruas.**

[R: Kovalick] Por causa do Estado de Emergência na França, **aglomerações estão proibidas pelo menos até segunda-feira**, mesmo assim, uma semana depois dos ataques, os franceses lembraram as vítimas. **Unidos na dor, deixaram a noite mais clara. Uma homenagem que tem tudo a ver com Paris. Até no luto, é a Cidade Luz.**

#### 4.3.2 FD2: *Superbandidos*

A segunda formação discursiva com mais aparições durante o *corpus* analisado é a que intitulei de “Superbandidos”. Este título remete ao discurso recorrente de que os terroristas são criminosos, mas não *quaisquer criminosos*. São bem treinados, inteligentes, preparados e, principalmente, sem medo.

Esse sentido cria sequências discursivas das mais diversas escalas: algumas analisam as capacidades reais desses terroristas, enquanto outras parecem transcender as possibilidades reais e tipificá-los como sobre-humanos. Em diversos momentos, existe a paráfrase que categoriza o terrorista de forma diferente de outras pessoas e, inclusive, de outros criminosos, como podemos ver nessas sequências discursivas:

[R: Pedro Vedova] Então, este arquivo serve para eles [a polícia européia] monitorarem, ficarem, de certa forma, alertas sobre o que que [sic] eles [suspeitos de atividade terrorista] fazem. E nem necessariamente eles conseguem prender essas pessoas porque, na verdade, elas possivelmente podem estar **atuando como uma**

**célula adormecida, fingindo que são pessoas normais, mas de alguma forma levantaram algum tipo de suspeita e entram nessa lista.**

[A: Renata] O Estado Islâmico se aproveitou das divisões entre os muçulmanos para conquistar adeptos. **E financia o terror usando práticas de criminosos comuns.**

Pedro Vedova, na explicação de como funciona o *index* de suspeitos de terrorismo na Europa, configura os terroristas como pessoas *que não são normais*; enquanto Renata Vasconcellos, em outra situação, entende que a forma de os terroristas arrecadarem dinheiro é de *criminosos comuns*, indicando que eles não os são.

A fala de um entrevistado, o professor de Direito Internacional da FGV-SP, Salem Nasser, resume bem o sentido que se constrói sobre os terroristas:

[E: Salem Nasser] As estratégias utilizadas, o ataque que... assim... remete muito a táticas de guerrilha de **gente que está muito bem treinada** nisto. Gente que passou por situações de combate, **que sabe tomar um prédio**, sabe em... **se... defender contra a reação da polícia**, é... **sabe utilizar armas com precisão**, e, mais ainda né, **sabem fazer tudo isto e estão dispostos a morrer** como resultante, né.

É possível verificar nessa SD os sentidos de que os terroristas possuem treinamento, são experientes e inteligentes, e, especialmente, que a sua característica sobre-humana que mais se destaca é a de que não têm medo da morte. Além da falta de medo, o que se pode configurar como diferente de outros criminosos, é a vontade de *dominar o mundo*:

[A: Bonner] **Um exército de terroristas, que controla uma faixa vasta de território no Oriente Médio e que tem como maior objetivo eliminar quem não pensa como eles.**

A próxima SD, com o mesmo sentido, chama atenção por ser repetida de forma extremamente semelhante por dois repórteres diferentes em matérias dos dias 14 e 16 de novembro, respectivamente:

[R: Tônico Ferreira] **Ao fazer uso de uma interpretação muito particular da religião, o Estado Islâmico prega um islamismo distorcido, ultraradical e totalitário**, porque **querem impor o seu modo de pensar a todos os países do mundo.**

[R: Burnier] **Ao fazer uso de uma interpretação muito particular da religião**, grupos como o Estado Islâmico **pregam um islamismo distorcido, ultraradical e totalitário**, que **querem impor o seu modo de pensar a todos os países do mundo.**

Ainda, no dia 18 de novembro, o repórter Fábio Turci repete o núcleo central dessa sequência discursiva. É possível entender que a SD se limpa, ficando com a essência do sentido.

[R: Turci] **O islamismo praticado pelo grupo é distorcido, ultrarradical e não admite quem pense de forma diferente.**

A repetição exata de palavras pode ser sintoma do modo de produção das notícias do Jornal Nacional, especialmente naquela semana, em que os correspondentes internacionais e enviados especiais se encontravam todos na mesma cidade e as matérias eram repetidas em mais de um telejornal de Rede Globo. Contudo, não é possível recusar a óbvia reiteração de sentidos que ocorre quando há essa repetição *ipsis verbis*.

Nestas construções é possível perceber que, segundo os jornalistas do JN, o objetivo dos terroristas não é outro senão impor seu modo de pensar e eliminar aqueles que não aceitem isto. A partir deste entendimento, é possível trazer SDs que se aprofundam ao explicar *como* os terroristas tentam dominar o mundo. Uma das formas é a brutalidade:

[A: Bonner] **A brutalidade é marca registrada do Estado Islâmico.**

[R: Tônico Ferreira] Os integrantes do Estado Islâmico **chocaram o mundo com uma sequência de crimes bárbaros. Decapitaram jornalistas, funcionários de agências de ajuda humanitária, reféns estrangeiros e queimaram vivos prisioneiros. Perseguiram minorias religiosas e étnicas.** Na primeira grande matança, **assassinaram 5 mil homens da comunidade Asid. As mulheres da comunidade foram estupradas e vendidas como escravas.**

A brutalidade é exemplo do modo de agir terrorista, mas não é a mais reiterada. Segundo minha análise, entendo que os jornalistas focam bastante nos recursos materiais e humanos que os terroristas do Estado Islâmico<sup>22</sup> têm acesso.

Essa SD do dia 14 de novembro, ainda, chama atenção para o uso da Internet:

[R: Tônico Ferreira] [O Estado Islâmico] **Se diferencia ao usar as redes sociais como nenhum outro grupo terrorista** na história, além de **se comunicar em inglês e em outras línguas estrangeiras para fazer propaganda e convocar militantes.**

---

<sup>22</sup> Nessas sequências discursivas, os jornalistas utilizam tanto Estado Islâmico quanto “terroristas” para se referir especificamente ao grupo do Estado Islâmico. Isto pode ser explicado devido ao sentido de “culpabilidade”, que, por interdiscurso, leva a entender que estes terroristas, neste contexto, são sempre do EI.

O uso das armas, especialmente pela forma que os ataques em Paris foram conduzidos, já aparece com mais destaque. Nessa SD do dia 18 de novembro, Roberto Kovalick destaca a surpresa dos policiais franceses perante o arsenal dos terroristas, que, assim como os outros recursos, parece ser *enorme e surpreendente*:

[R: Kovalick] Os agentes das forças especiais disseram **jamais ter visto um arsenal igual ao encontrado com os terroristas.**

Ainda, dinheiro e soldados são dois dos recursos cuja posse dos terroristas é um dos sentidos mais reiterados. Estes aparecem intimamente ligados, quando as sequências discursivas indicam que o dinheiro é a forma de financiar os combatentes:

[R: Fábio Turci] Ainda assim, o Estado Islâmico vem **conseguindo apoio** [de voluntários] **em parte à disputa entre sunitas e xiitas**, mas para exercer o domínio, além de uma visão deturpada da fé, **o grupo se vale de força bruta e dinheiro.**

[R: Fábio Turci] O professor Eric Davis, da universidade Rutgers, explica que o grupo **seduz com dinheiro e armas jovens pobres, sem raízes, um discurso falso. O Estado Islâmico os convence que eles podem viver numa comunidade ideal**, com uma identidade que faz sentido e uma vida que faz sentido. Por isso, um dos grandes desafios no combate ao Estado Islâmico é como **frear o recrutamento de novos terroristas**, e que depois acabam voltando aos seus países dispostos a matar de forma indiscriminada.

[R: Fábio Turci] Estima-se que os terroristas **consigam extrair 44 mil barris de petróleo por dia na Síria e mais 4 mil no Iraque.** Eles vendem por preço abaixo do de mercado e **faturam até 3 milhões de dólares por dia.** Os terroristas também **extorquem comerciantes, fazem tráfico de antiguidades, cobram resgate pelos reféns.** E querem **dinheiro pra quê? Não só para financiar ataques como o de Paris, mas também para atrair os seus fiéis. Os combatentes recebem salário, em média 350 dólares por mês.** Parece pouco, mas chega a ser 5 vezes o que ganha um cidadão sírio nas áreas ocupadas.

Por serem caracterizados como donos de petróleo, a posse de terras também aparece como recurso fundamental para o sucesso terrorista. Nessa passagem, Alan Severiano explica que exércitos de outros países possuem técnicas diversas para combater o Estado Islâmico, mas que estes ainda possuem muitas terras:

[R: Severiano] A estratégia tem sido armar e treinar grupos rebeldes e dar apoio aos Curdos no combate aos radicais islâmicos, mas **os terroristas continuam controlando uma área maior do que o Reino Unido.**

Além dos recursos, outro sentido reiterado como motivo para sucesso do Estado Islâmico é a organização em forma de exército, que é possibilitada pelo uso de recursos, pelo treinamento e pela grande quantidade de soldados:

[R: Tônico Ferreira] O Estado Islâmico é bem armado e **age como um exército**, as armas são compradas com dinheiro de sequestros, venda de petróleo nas áreas ocupadas e roubos a bancos.

[R: Tônico Ferreira] Os serviços de inteligência americanos **estimam que o grupo tenha entre 20 mil e 32 mil combatentes**, mas **eles dizem que são mais de 200 mil**. São militantes extremistas de vários países que entraram no grupo como voluntários, ou forçados.

[R: Kovalick] Os sobreviventes descreveram o ataque como algo metódico. Os terroristas atiravam pelas costas e quem tentava levantar era abatido. **Os atiradores tiveram tempo de recarregar as armas por pelo menos três vezes, mais e mais.**

Estas formações discursivas vão construindo o sentido dos *superbandidos* via paráfrase e o consolidam ao apresentar essas possibilidades de porque os terroristas são tão invencíveis. Nas sequências discursivas a seguir, por exemplo, o trabalho da polícia local é colocado em contraponto com os dos terroristas:

[R: Márcio Gomes] Na Oceania, a Austrália já indicou que terá que mudar **a forma de combater ataques como o de Paris: coordenados, simultâneos.**

[R: Kovalick] Depois da operação o procurador de Paris, François Molins, confirmou: **os terroristas estavam prontos para agir. Desta vez, a polícia chegou primeiro.**

O sentido aqui é de que os terroristas são preparados, muitas vezes mais do que as forças policiais locais. Na fala de Kovalick, entretanto, é apresentada uma derrota desses seres tão poderosos: no dia 18 de novembro, os policiais franceses conseguiram matar Abdelhamid Abaaoud, a mente por trás dos ataques do dia 13 de novembro, antes que houvesse um novo atentado. Entretanto, isso aconteceu apenas depois do ataque à cidade de Paris.

Na semana seguinte aos ataques, o sentido da invencibilidade dos terroristas já assume uma posição maior no Imaginário e no interdiscurso. Tendo reiterado esta formação discursiva durante a semana, em matérias dos dias 18 e 20 de novembro, respectivamente, esse sentido aparece nas falas dos repórteres através de metáforas e hipérboles:

[R: Cecília Malan] **Uma latinha de água tônica, um detonador e um interruptor**, segundo o Estado Islâmico **foi esse dispositivo precário que provocou a queda do avião Russo** no fim de outubro, matando 224 pessoas.

[R: Pedro Vedova] Depois do 13 de novembro a França tem uma certeza: **o inimigo está em todo lugar.**

É a partir de formações como essas que um sentido se instala em nosso Imaginário. Não podemos dizer que a ideia de que os terroristas *estão sempre prontos e querem atacar a tudo e a todos* já não existia, mas depois da repetição durante esta cobertura em especial, abre-se precedente para produzir mais reportagens que propaguem esse estereótipo.

#### 4.3.3 FD3: Culpabilidade

A culpabilidade é um termo jurídico que nasce a partir da noção de censura pessoal. “A palavra ‘culpado’ carrega uma carga axiológica negativa, por referir-se a um juízo de reprovação que se faz ao autor de um fato” (CASTRO, 2013, web<sup>23</sup>), ou seja, se considera culpado aquele que faz algo que se julga negativo em uma determinada sociedade, desde que o indivíduo tivesse liberdade para agir de outra maneira.

Entretanto, na Teoria Normativa da Culpabilidade, adotada pelo Código Penal Brasileiro a culpabilidade é considerada puramente normativa ou valorativa. O juízo de valor que se faz sobre o autor de determinado ato deve ser analisado

[...] referindo-se ao fato de ser possível ou não a aplicação de uma pena ao autor de um fato típico e antijurídico. Para isso, analisa-se a presença dos requisitos da culpabilidade – como a imputabilidade penal, a potencial consciência da ilicitude e a exigibilidade de conduta diversa. (CASTRO, 2013, web<sup>24</sup>)

Pela Teoria Normativa, essa valoração deve ser feita pelo juiz, que tenha conhecimento das implicações do reconhecimento da culpabilidade. Apresento este termo como título desta formação discursiva, considerando o conceito jurídico e entendendo que a tipificação da culpabilidade aparece apressadamente na voz dos apresentadores e repórteres quando, sem entender o que acontece e o que gera um determinado tipo de violência, a classificam como atentado terrorista.

As sequências discursivas aqui apresentadas aparecem especialmente durante a transmissão do JN do dia 13 de novembro, que foi a primeira a versar sobre os atentados em Paris em novembro de 2015. Apesar de estarem concentradas nesta edição, as SDs são frequentes e aparecem em todas as entradas ao vivo do repórter Roberto Kovalick – que foi o primeiro repórter da Globo a noticiar os atentados – até que o Presidente da França, François

---

<sup>23</sup> Documento eletrônico não paginado.

<sup>24</sup> Documento eletrônico não paginado.

Hollande, afirme que se trata de um atentado terrorista e, a partir daí o jornalismo se utilize desta fala como precedente para novas matérias. De forma resumida, entendo que quando não há certeza do que acabou de acontecer e o que ainda está se vivenciando as ações durante as transmissões ao vivo, os jornalistas tendem a tipificar este tipo de violência como “ataques terroristas”.

Um dos sentidos mais presentes dentro desta FD é o entendimento de que terroristas são responsáveis pela violência que acontece na França mesmo quando ainda não há nenhuma informação que confirme isso. Nas trocas ao vivo com Bonner, que são frequentes nas primeiras edições após o ataque, Kovalick assume uma postura mais cética, enquanto Bonner insiste em tipificar a violência. A Sequência Discursiva onde este sentido de *culpabilidade* mais se instaura acontece em meio ao diálogo entre os dois jornalistas:

[R: Kovalick] **Ninguém ainda afirmou com cem por cento de certeza que isto é um ataque terrorista...**

[A: Bonner] **Mas é, né, Roberto...**

[R: Kovalick] **Mas são ataques organizados, todos ao mesmo tempo, é difícil que não seja uma coisa assim.**

[A: Bonner] É Kovalick, a gente tem que fazer a seguinte observação: primeiro, **você está certo ao dizer [que] não há nenhum grupo ainda assumindo a autoria desse atentado terrorista, mas é sem a menor dúvida um atentado terrorista e enorme.**

Durante o diálogo, Bonner interrompe o repórter para dizer que acredita que este seja um ataque terrorista. Kovalick, entretanto apresenta a possibilidade de maneira menos determinística. Como na teorização que expus sobre jornalismo no capítulo anterior, mesmo que estas colocações se apresentem como certas no futuro, não seria possível caracterizar que houve terrorismo na França apenas com as informações daquele momento (e que os próprios jornalistas destacam), como a simultaneidade dos ataques.

Entendo que esta conceituação apareça pelos precedentes em outras partes do mundo onde atos de terrorismo foram realizados como ataques simultâneos – como o próprio 11 de setembro de 2001, o ataque aos trens em Madrid de 2004, e este caso na França, depois de provada a natureza da violência. Este é um exemplo clássico de como o imaginário dos atentados terroristas se consolidou entre os jornalistas e o público. Se por um lado falar em terrorismo remete às Torres Gêmeas desmoronando, também remete à homens encapuzados, a ataques frenéticos e que parecem não fazer sentido. Não acredito que se possa falar exatamente em imagem simbólica no sentido que Durand (1997) traz em referência a estes ataques simultâneos, mas é preciso reconhecer que a ideia dos ataques simultâneos ativa – tanto no jornalista, quanto no espectador que acompanha – sentimentos arcaicos que remetem



ao cerco de cidades, a ataques surpresas, a retirada do que é usual e cotidiano. Desconstruindo este estereótipo, entretanto, é necessário lembrar que existiram muitos atentados terroristas que não ocorreram na forma de ataques simultâneos, e vice-versa, com diversos ataques simultâneos, que não se tratavam de atentados terroristas.

Assumindo uma posição de certeza, Bonner descaracteriza a dúvida do repórter Roberto Kovalick. Em vez de situar a dúvida sobre a natureza da violência, sobre o que de fato acontece no momento, o apresentador transmite convicção de que o que acontece é um atentado terrorista, e que a dúvida já paira sobre os responsáveis, ou os culpados, pelos ataques:

[A: Bonner] **Deixando claro, né, é obviamente um ataque terrorista, isso não é briga de torcedor, não é outra coisa, se tem diversos ataques simultâneos. O que não tem até agora é algum grupo terrorista assumindo para si a autoria desses ataques, que são, obviamente, do terror** nessa sexta-feira treze.

[A: Bonner] **Obviamente** é uma sexta-feira que vai entrar para a história como um dia em que **a capital da França foi atacada duramente pelo terror. Isso precisa ser dito com todas as letras. Qual terror, qual grupo se responsabilizará por isso a gente vai saber depois**, a história avança.

Kovalick, por outro lado, assume a postura da dúvida sobre a natureza da violência. O repórter explicita que, naquele momento, não há nenhuma autoridade que possa afirmar, e nem provas de que seja um ataque terrorista, mas não deixa de sinalizar que, devido aos precedentes de ataques terroristas, a suspeita existe:

[R: Kovalick] **Ninguém ainda afirmou com certeza que se trata de um atentado terrorista**, mas **foram vários ataques coordenados ao mesmo tempo, o que levanta evidentemente essa suspeita**, ainda mais depois do que aconteceu no começo do ano, ataque ao Charlie Hebdo, o jornal Charlie Hebdo.

O repórter chama atenção também para o fato de que nem mesmo o presidente François Hollande tem certeza do que se trata a violência que acontece ainda, ao vivo, naquele momento do noticiário:

[R: Kovalick] O presidente François Hollande e o ministro do interior Bernard Casanov participaram, participaram e participam [sic], nesse momento de uma reunião do gabinete de crise **para decidir e tentar entender o que acontece nesse momento na capital francesa.**

Em paráfrase, Kovalick destaca que não há entendimento sobre o que acontece em Paris, repetindo diversas vezes este sentido:

[R: Kovalick] Então, **está muito difícil, por enquanto, entender o que está acontecendo** mas há um enorme caos em Paris.

[R: Kovalick] Imagina [que] você está dentro de um estádio, ouviu explosões, **não sabe o que está acontecendo**, então, [é] **uma situação caótica neste momento na capital francesa**.

Mesmo com esta perspectiva trazida por Kovalick, Bonner continua com o discurso de certeza a respeito desta violência, e inclusive arranja outros motivos para a preocupação das autoridades parisienses, além da dúvida:

[A: Bonner] Talvez alguns desses ataques tenham ocorrido depois daqueles primeiros, ou seja, **é por isso que as autoridades de Paris estão tão preocupadas, é possível que ataques ainda estejam ocorrendo em Paris, e sabe lá Deus talvez em outros pontos da França**.

O apresentador entende – e é enfático sobre isso – que a grande preocupação das autoridades e da polícia da França é que, principalmente, haja outros ataques e não simplesmente a dúvida acerca de sua natureza.

Estes sentidos sobre a dúvida ou a certeza da culpabilidade desaparecem e a formação discursiva se transforma após o pronunciamento oficial do presidente francês François Hollande, que acontece no final do noticiário do dia 13:

[R: Kovalick] O presidente francês François Hollande está fazendo, neste momento, pronunciamento a nação e ele **foi a primeira autoridade a confirmar que foram atentados terroristas. A frase que ele usou foi a seguinte: “foram ataques terroristas sem precedentes em Paris”**.

[A: Bonner] Não apenas mortes já foram confirmadas, às dezenas, como **o presidente François Hollande acabou de reconhecer é o maior ataque de que se tem notícia na história da França, maior atentado terrorista de que se tem notícia na história da França e Paris nesta sexta-feira**.

A fala de Hollande abre precedente para que Bonner continue fazendo as afirmações que já fazia antes, mesmo sem provas. A partir de agora todas as vezes que o termo “terrorista” é citado no noticiário ele aparece como interdiscurso, passando a significar também “o culpado por estes ataques”, como em outras vezes que se noticiou sobre terrorismo e este sentido se fixou. Nesse caso em particular, o Estado Islâmico passa a ser nomeado

como provável culpado para violências subsequentes. Um exemplo em que isto pode ser visualizado é quando, já no dia 20 de novembro, acontecem ataques a um hotel no Mali, na África, e em uma matéria do sábado dia 21, o repórter Alan Severiano faz a conexão com os atentados de Paris:

[R: Severiano] A gente lembra que **o Mali é uma ex-colônia francesa**, mas que **por enquanto, não há relação entre o ataque de ontem e os atentados a Paris**. O ataque de ontem **tem sido reivindicado sobretudo por grupos extremistas ligados a rede Al-Qaeda**.

Mesmo sem utilizar o nome “Estado Islâmico”, Severiano nomeia a Al-Qaeda como informação nova no contexto. Essa explicação cria o sentido de que o esperado é que este atentado em Mali tivesse conexão com o da França e que o mesmo grupo fosse responsável.

A formação discursiva também se transforma ao abordar a forma como se entende a natureza da violência, tanto por parte do jornalista, quanto do telespectador. Se antes, no início das transmissões Kovalick dizia que estava “difícil entender”, na segunda-feira, dia 16, a repórter Ilze Scamparini, ao falar dos memoriais que estão espalhados por Paris, traz novamente este sentido, entretanto, restringindo-se a um grupo muito específico de pessoas:

[R: Scamparini] As lembranças da tragédia e os pedidos de paz estão em todos os lugares. Homenagens às vítimas do terror são feitas por muitos, **até pelos mais inocentes, que não entendem o porquê de tanta violência**.

Ao mostrar imagens de crianças largando velas em um memorial e proferir o discurso de que elas não entendem a violência, Scamparini coloca os adultos em uma posição de entendimento, que difere do que Kovalick apresenta nas matérias do dia 13 de novembro. Neste ponto da cobertura, a culpabilidade é aceita tal como foi dita – são terroristas do Estado Islâmico e já se sabe o nome do arquiteto por trás dos ataques. Mesmo assim, é complexo afirmar que existam pessoas que compreendam o motivo deste tipo de violência.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta os conceitos trabalhados nesta monografia e a análise realizada, pude concluir que o ato terrorista e seus agentes – os terroristas – são subjetivados pelo Jornal Nacional através das construções de sentidos reunidas em três formações discursivas: o *trauma*, os *superbandidos* e a *culpabilidade*.

Estas três formações discursivas auxiliam não apenas na construção da imagem do terrorista, mas também ajudam na divulgação do ato – que é, como explicado no terceiro capítulo, o que os terroristas esperam do jornalismo. Imputar a culpabilidade a um grupo terrorista específico, possibilita que, por intermédio do interdiscurso, o espectador acredite que este mesmo grupo esteja por trás de novos ataques, auxiliando na divulgação de seus ideais sem que necessariamente haja um novo atentado.

Ao mesmo tempo, o próprio atentado em Paris se estabelece com mais ênfase, a partir da construção do sentido de trauma, mostrando que o ato terrorista é capaz de emocionar e traumatizar de maneira muito mais eficiente que outras tragédias, como desastres naturais, por exemplo. A reiteração do trauma causado pelo atentado terrorista, vai construindo a ideia de que, por serem tão cruéis, não há a possibilidade dos atos terroristas não serem noticiados.

Retomando as teorias de Molotch e Lester (1999), que consideram que alguns indivíduos possuem apenas acesso disruptivo às notícias, entendo que é a partir da propagação do trauma que os terroristas encontram no jornalismo sua plataforma de divulgação. Os sentidos trazidos pelos jornalistas de que Paris é uma cidade traumatizada porque sofreu duas vezes com terrorismo no mesmo ano, também se encaixam na teoria de que os terroristas – apesar de obviamente não dialogarem com a sociedade – escolhem hora e local exatos para ter mais visibilidade, que no caso de novembro de 2015 era em Paris.

Observando as 57 matérias analisadas para a produção deste trabalho, pude constatar que há poucas reflexões sobre a mensagem que o terrorista busca passar quando realiza uma violência. Uma destas poucas reflexões aparece na formação discursiva sobre superbandidos, em que há o entendimento que o ato terrorista existe porque grupos extremistas não toleram a sobrevivência daqueles que não pensam como estes. A FD que caracteriza os terroristas como superbandidos aborda ainda uma outra faceta do atentado, que é a invencibilidade dos grupos extremistas, neste caso em especial aquele intitulado de Estado Islâmico. O sentido de invencibilidade ajuda a criar uma aura bélica para o EI, que parece ser condizente com a forma que o grupo gosta de ser visto. Podendo constatar que, segundo os noticiários, o poder do Estado Islâmico consta na quantidade de soldados e voluntários que o

compõem, é interessante ponderar o papel do jornalismo na perpetuação dessas violências, principalmente da mensagem terrorista que os noticiários fazem chegar a todos os cantos do mundo, dizendo que este grupo de soldados é mais poderoso que qualquer polícia.

O Jornal Nacional também parece se inserir na simbiose entre terrorismo e telejornalismo, uma vez que o ato terrorista tem lugar como mensagem e encontra no telejornalismo seu meio de propagação. Dando voz ao terrorista ao repetir suas cartas e seus objetivos, o JN mostra o resultado emocional da violência e é um dos fatores que dá possibilidade para a existência de tais atos. Se não é possível não informar sobre o terrorismo, deveria ser possível construir sentidos que mostrem os terroristas como humanos, no sentido de serem frágeis e poderem ser vencidos – como já foram diversas vezes.

Além das formações discursivas encontradas, me sinto no dever de informar que, ao contrário do que se espera no senso comum e do que eu esperava ao iniciar a revisão bibliográfica desta monografia, não pude constatar que as reportagens do Jornal Nacional tipifiquem todas as pessoas de religião islâmica como terroristas. Com apenas uma matéria abordando a vida dos muçulmanos na França, a cobertura do JN se mostrou sensível ao assunto, evitando este estereótipo mais do que desgastado.

A análise mostra que há um enquadramento do acontecimento em forma de narrativa, conforme apresenta a Teoria Construcionista. Foi possível encontrar nas sequências discursivas elementos como “metáforas, frases feitas, exemplos históricos, descrições e imagens” (TRAQUINA, 2001, p.87).

Estes elementos estruturais da narrativa ficcional se mostraram mais presentes conforme o distanciamento temporal do acontecimento. Foi possível perceber como os sentidos construídos sobre os terroristas vão se perpetuando e ficando mais simples, mais comuns e mais aceitos. Isto fica visível durante a análise da segunda FD, sobre os superbandidos, em que passados cinco dias dos ataques a falas dos repórteres já continham mais metáforas e hipérboles, auxiliando na formação de um interdiscurso que diz que os terroristas são mesmo invencíveis.

Ao realizar a análise é possível compreender não apenas os sentidos evocados, mas quais as formas que o Jornal Nacional utiliza na construção desses sentidos: através da evocação de imagens de nosso inconsciente, utilização de elementos narrativos e termos e imagens que despertem a emoção no telespectador. As figuras de linguagem são recursos emocionais de fácil cognição frente à “dureza” da razão. Ao trabalhar com estes elementos, o jornalismo aciona o imaginário ancorado na emoção.

As formações discursivas também se apresentam como narrativas na aparição de padrões repetidos. A cidade de Nova Iorque, que sofreu ataques terroristas simultâneos em setembro de 2001, é retomada frequentemente pelos jornalistas. O ataque às Torres Gêmeas está consolidado no Imaginário e se tornou uma referência do que é o terrorismo, virando sinônimo imagético para este, já que é uma situação de difícil e ampla conceituação.

Entretanto, noto que quanto o 11 de setembro de 2001 é trazido como referência, as semelhanças com os ataques à Paris são muito mais expostas do que as diferenças. De semelhante, temos os ataques simultâneos por um grupo de origem islâmica, exibidos ao vivo, tendo como alvo uma cidade referência nas relações internacionais. Entretanto, em Nova Iorque por via aérea, através da explosão e colisão de aviões contra símbolos do poder e do capitalismo; e em Paris, ataques por terra, utilizando armas de fogo e bombas, tendo como alvo espaços turísticos.

A relação que se faz não só com Nova Iorque, mas com outras cidades, entre elas Londres e Madrid, principalmente, vai construindo o sentido que de Paris se junta a elas na referência do que é terrorismo. E que, no futuro pode ser que vejamos a data 13 de novembro como tão sinônimo de terrorismo quanto 11 de setembro. Entre as principais consequências deste sentido é que o atentado aos diversos pontos turísticos de Paris, entrou para a história.

Esta construção narrativa pode ser o motivo pelo qual William Bonner caracteriza apressadamente a situação como atentado terrorista. Se o acontecimento faz o apresentador lembrar outros que foram ataques terroristas de fato, esta tipificação o torna muito mais fácil de ser compreendido. Ao mesmo tempo, como explica Yvana Fachine (2008), é preciso considerar, no telejornalismo, que os enunciados se organizam como um todo. O Jornal Nacional significa na dissonância de informações, enquanto, por exemplo, o repórter Roberto Kovalick tem dúvidas sobre a origem da violência e Bonner já afirma com absoluta certeza que se trata de um atentado terrorista. A fala do apresentador, que conduz o noticiário, acaba se sobressaindo por estar sempre presente, enquanto o repórter é só uma parte do telejornal.

O apresentador simboliza valores como credibilidade, empatia e veracidade, e é o símbolo da confiança que os telespectadores buscam no jornalismo. Neste caso, entendo que o sentido que mais se perpetua é a fala de William Bonner, principalmente por trazer estes elementos – a estrutura narrativa, o paralelo com outros atentados terroristas – que facilitam a compreensão do fato, já que é difícil dar credibilidade ao jornalismo que diz “não tenho certeza”.

## REFERÊNCIAS

AGUIAR, Pedro. Notas para uma História do Jornalismo de Agências. In: Encontro Nacional de História da Mídia, 7, 2009, Fortaleza. **Anais**. Fortaleza: Alcar, 2009. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/Notas para uma História do Jornalismo de Agencias.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 242 p.

\_\_\_\_\_. **A Terra e os Devaneios do Repouso**: ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

\_\_\_\_\_. **A Terra e os Devaneios da Vontade**: ensaio sobre a imaginação das forças. São Paulo: Martins Fontes, 2001a. 317p.

\_\_\_\_\_. **A Água e os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação da matéria. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Tsicanálise do Fogo**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

\_\_\_\_\_. **O Ar e os Sonhos**: ensaio sobre a imaginação do movimento. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b.

BENETTI, Marcia. Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos. in LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia de Pesquisa em Jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010. p.107-122

\_\_\_\_\_. O jornalismo como gênero discursivo. **Galáxia**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, São Paulo, v. 1, n. 15, p.13-28, jun. 2008. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/1492>>. Acesso em: 15 out. 2016.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**: Tratado de Sociologia do Conhecimento. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 247 p. Tradução de Floriano de Souza Fernandes.

BORDALO, Rebeca Bruno Silva. **Mídia, memória e história – As abordagens do terrorismo**: as torres gêmeas caem e com elas o padrão mundial de noticiar atos terroristas. 2012. 95 f. Mestrado Acadêmico em História. Instituição De Ensino: Universidade Salgado De Oliveira, Niterói, 2012.

BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo, 1997. 182 p.

CARDOSO, Anelise Zanoni. **Terrorismo e liberdade de imprensa**: estudo comparado do efeito do ato terrorista em uma amostra segmentada do clima de opinião pública gaúcho e norte-americano. 2006. 155 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4441/1/348088.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2015.

CASTRO, Marcela Baudel de. **Jus Navigandi**: A culpabilidade no Direito Penal brasileiro. 2013. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/23766/a-culpabilidade-no-direito-penal-brasileiro>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. Informação, emoção e imaginários: A propósito do 11 de Setembro de 2001. In: DAYAN, Daniel (Org.). **O Terror Espetáculo**: Terrorismo e Televisão. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 71-88.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004. 555 p. Coordenação da tradução por Fabiana Komesu.

DAYAN, Daniel. Terrorismo, performance, representação: Notas sobre um gênero discursivo contemporâneo. In: DAYAN, Daniel (Org.). **O Terror Espetáculo**: Terrorismo e Televisão. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 15-36.

\_\_\_\_\_. Uma explosão em câmera lenta: As performances do 11 de Setembro. In: DAYAN, Daniel (Org.). **O Terror Espetáculo**: Terrorismo e Televisão. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 9-14.

DURAND, Gilbert. **As Estruturas Antropológicas do Imaginário**: introdução a arquetipologia geral. São Paulo: Martins Fontes, 1997. 551 p.

\_\_\_\_\_. **A imaginação simbólica**. São Paulo: Cultrix, 1988. 116 p.

ESPINDOLA, Polianne Merie. **O estereótipo na comunicação**: uma análise em documentários sobre terrorismo islâmico. 2013. 2011 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/4551/1/452837.pdf>>. Acesso em: 07 set. 2015.

FRANCISCATO, Carlos, Contribuições da Teoria do Enquadramento para Compreender o Sensacionalismo no Jornalismo. **Animus**: Revista Interamericana de Comunicação Midiática, Vol, 11, n. 22. Santa Maria: UFSM, 2012.

FECHINE, Yvana. Performance dos apresentadores nos telejornais: a construção do éthos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 36, p.69-76, ago. 2008. Quadrimensal. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4417/3317>>. Acesso em: 26 set. 2016.

FERNANDEZ, Luciana Moretti. **Hiperterrorismo e mídia na comunicação política**. 2005. 220 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27148/tde-08102007-211215/pt-br.php>>. Acesso em: 07 set. 2015.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação**: fruir e pensar a TV. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 160 p.



GALTUNG, Johan; RUGE, Mari Holmboe. A Estrutura do Noticiário Estrangeiro. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 61-73.

GOMIS, Lorenzo. Os interessados produzem e fornecem os fatos. Estudos em jornalismo e mídia, v. 1, n. 1, p. 102-117, 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1901/1810>>. Acesso em: 05 set. 2016.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience**. Boston: Northeastern University Press, 1986.

HAGEN, Sean. A construção do sentido simbiótico entre o Jornal Nacional e o William Bonner. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 18, p.77-85, dez. 2007. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/2591/2012>>. Acesso em: 26 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **A emoção como estratégia de fidelização ao telejornal**: um estudo de recepção sobre os laços entre apresentadores e telespectadores do Jornal Nacional. 2009. 188 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/17740>>. Acesso em: 26 set. 2016

\_\_\_\_\_. **O casal 20 do telejornalismo e o Mito da Perfeição**: como a mídia constrói a imagem dos apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner. 2004. 242 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Programa de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/6881>>. Acesso em: 15 out. 2016.

JOST, François. As imagens do 11 de Setembro são imagens violentas? In: DAYAN, Daniel (Org.). **O Terror Espetáculo**: Terrorismo e Televisão. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 87-102.

JUNG, Carl Gustav. **O eu e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 1971. 165p.

\_\_\_\_\_. **Os arquétipos e o inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2000. 408p.

MANCINI, Paolo. Incerteza e globalização: as lições do 11 de Setembro. In: DAYAN, Daniel (Org.). **O Terror Espetáculo**: Terrorismo e Televisão. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 151-160.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As Notícias como Procedimento Intencional: Acerca do Uso Estratégico de Acontecimentos de Rotina, Acidentes e Escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 34-52.

MONTEIRO, Larissa de Oliveira Vanzelotti. **O 11 de Setembro: uma tragédia conveniente para o imaginário e a política externa estadunidense?**. 2013. 74 f. TCC (Graduação) – Curso de Relações Internacionais, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/96718>>. Acesso em: 06 set. 2015.

MORAES NETTO, Andrei de. **A cultura do terror: 11 de setembro como tecnologia do imaginário**. 2003. 128 f. Dissertação (Mestrado) – Curso de Comunicação Social, Faculdade de Comunicação Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **Os valores-notícia no jornalismo impresso: análise das ‘características substantivas’ das notícias nos jornais Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo e O Globo**. Dissertação de mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2006.

NATALI, João Batista. **Jornalismo internacional**. São Paulo: Contexto, 2004.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015. 98 p.

\_\_\_\_\_. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Em Aberto**, Brasília, v. 1, n. 61, p.53-59, jan./mar. 1994.

PAIERO, Denise Cristine. **Mídia e terror: a construção da imagem do terrorismo no jornalismo**. 2012. 259 f. Tese (Doutorado) – Curso de Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <[http://www.sapientia.pucsp.br//tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=15280](http://www.sapientia.pucsp.br//tde_busca/arquivo.php?codArquivo=15280)>. Acesso em: 07 set. 2015.

SAID, Edward. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente**. 4. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009. 523 p.

SILVERSTONE, Roger. A mediatização da catástrofe: o 11 de Setembro e a crise do Outro. In: DAYAN, Daniel (Org.). **O Terror Espetáculo: Terrorismo e Televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 161-172.

SOUZA, Bruno Mendelski de. **A construção do conceito de inimigo nos discursos de Osama Bin Laden no período de 1996 a 2004**. 2012. 228 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação de Relações Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/54091>>. Acesso em: 06 set. 2015.

TRAQUINA, Nelson. As Notícias. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 167-176.

\_\_\_\_\_. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001. 220 p.

TUCHMAN, Gaye. Contando ‘Estórias’. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 258-262.

TV GLOBO. **Jornal Nacional: A notícia faz história**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 407 p. (Memória Globo).

VERES, Luis. Prensa, poder y terrorismo. **Amnis**, v. 1, n. 4, 30 jun. 2004. Disponível em: <<https://amnis.revues.org/706#quotation>>. Acesso em: 19 out. 2015.

VIZEU, Alfredo. A construção social da realidade e os operadores jornalísticos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 1, n. 25, p.111-118, dez. 2004. Quadrimensal. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewArticle/407>>. Acesso em: 26 set. 2016.

WAINBERG, Jacques A.. Comunicação internacional e intercultural: a luta pelo imaginário social, o temor à segregação e o caso do terrorismo. **Civitas – Revista de Ciências Sociais**, v. 5, n. 2, p.275-295, jul-dez. 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/issue/view/10>>. Acesso em: 05 set. 2016.

WEAVER, Paul H. As Notícias de Jornal e as Notícias de Televisão. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: Questões, Teorias e "Estórias"**. 2. ed. Lisboa: Vega, 1999. p. 294-305.

WOLTON, Dominique. Mídias generalistas e grande público. In: WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?: Uma teoria crítica das novas mídias**. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. p.62-79

ZELIZER, Barbie. Fotografia, jornalismo e trauma. In: DAYAN, Daniel (Org.). **O Terror Espetáculo: Terrorismo e Televisão**. Lisboa: Edições 70, 2009. p. 193-214.